



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

a relevância do concurso para o desenho da habitação
Trampolim: o concurso como projeto académico

Daniel Rodrigues dos Anjos

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Arquiteto Filipe André Touças Magalhães, Professor Auxiliar Convidado,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Elói da Silva Gonçalves, Professor Auxiliar Convidado,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

setembro, 2024



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

a relevância do concurso para o desenho da habitação
Trampolim: o concurso como projeto académico

Daniel Rodrigues dos Anjos

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Arquiteto Filipe André Touças Magalhães, Professor Auxiliar Convidado,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Arquiteto Elói da Silva Gonçalves, Professor Auxiliar Convidado,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

setembro, 2024

a relevância do concurso para o desenho
da habitação
Trampolim: o concurso como projeto
académico

daniel rodrigues dos anjos
mestrado integrado em arquitectura
iscte – instituto universitário de lisboa

orientadores:
filipe magalhães
elói gonçalves

agradeço aos meus pais pelos valores e apoio constante, que me permitiu seguir os meus sonhos, à minha irmã, cuja determinação é uma inspiração diária. à minha família, por me ensinarem o significado da palavra e por tornarem a "ida ao norte" um dos pontos altos do ano.

aos amigos "de sintra", pela presença, com e sem copo, e por me proporcionarem inúmeros momentos que ajudaram a aliviar o stress da faculdade.
aos amigos "da faculdade", por partilharem e crescerem comigo durante estes cinco anos. viva ++ e cof studio.

um agradecimento especial ao pedro botelho, filipe magalhães, josé neves, eloi gonçalves e antónio mesquita, por partilharem as suas experiências, inquietações, provocações e por expandirem os meus horizontes ao revelarem as infinitas possibilidades da nossa prática.

esta tese procura explorar a relevância dos concursos de arquitetura no desenho da habitação, utilizando o desafio "trampolim" como pano de fundo. sete concursos públicos foram realizados ao longo de dez meses, que desafiaram a exploração de diferentes realidades e prazos. neste processo, a diversidade de abordagens que a arquitetura pode oferecer revelou-se clara, e uma das perguntas que persistiu foi: qual o papel dos concursos no desenho da habitação? neste estudo, pretende-se questionar a resistência observada entre promotores e júris, enquanto se analisa como é possível transformar os concursos em motores de inovação. momentos na história demonstram que a rutura é não apenas necessária, mas vital. exemplos internacionais, como os concursos na Bélgica, mostram que processos que promovem diversidade e colaboração podem trazer novas ideias, aproximando a arquitetura da vida contemporânea. o tema da habitação na arquitetura evolui de forma lenta e revela-se profundamente conservador. em Portugal, essa dinâmica não é exceção, e o desenho carece de desafios que o impulsionem para novas formas de habitar. esta tese propõe uma transformação do sistema de concursos, com o objetivo de promover júris mais diversos e fomentar uma cultura crítica que valorize a inovação. ao reimaginar os concursos, talvez consigamos traçar um futuro habitacional mais significativo, onde a arquitetura não seja apenas uma resposta às necessidades, mas uma reflexão profunda sobre o significado de habitar.

palavras-chave

concursos, habitação, inovação, rutura, cultura crítica, open call

this thesis seeks to explore the relevance of architectural competitions in housing design, using the 'trampoline' challenge as a backdrop. seven public competitions were held over ten months, which challenged the exploration of different realities and deadlines. in the process, the diversity of approaches that architecture can offer proved to be clear, and one of the questions that remained was: what is the role of competitions in housing design?

this study aims to question the resistance observed between promoters and juries, while analysing how it is possible to transform competitions into engines of innovation. moments in history demonstrate that rupture is not only necessary, but vital. international examples, such as the competitions in Belgium, show that processes that promote diversity and collaboration can bring new ideas, bringing architecture closer to contemporary life.

the theme of housing in architecture evolves slowly and is deeply conservative. in Portugal, this dynamic is no exception, and design lacks challenges that push it towards new ways of living. this thesis proposes a transformation of the competition system, with the aim of promoting more diverse juries and fostering a critical culture that values innovation. by reimagining competitions, we may be able to chart a more meaningful housing future, where architecture is not just a response to needs, but a profound reflection on the meaning of living.

key-words

competitions, housing, innovation, disruption, critical culture, open call

resumo/abstract	i
índice	ii
exercício / enunciado	iii
concurso 001_asprela	01
concurso 002_açores	08
concurso 003_cincork	13
concurso 004_alcobaça	20
concurso 005_graça	27
concurso 006_lavadeiras	36
concurso 007_pintor	45
the last jump	54
a relevância do concurso para o desenho da habitação.	59
exposição weissenhof	
revisitar os processos saal	
tradição e rutura	
aprender com o sistema belga	
caso de estudo:	
regeneração das docas de cadix, antwerp	
cadix harbour building, antwerp	
apartment building in the docklands, antwerp	
uma nova proposta	
uma janela de esperança	79
considerações finais	81
referências bibliográficas	82
créditos de imagens	83

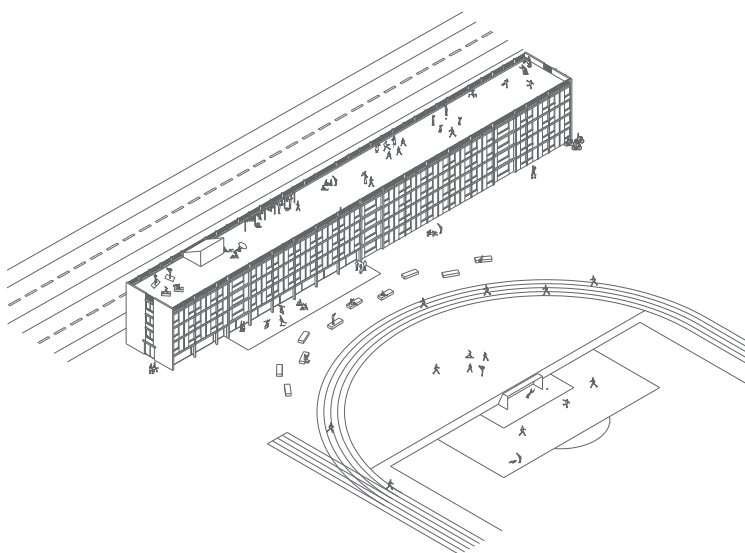
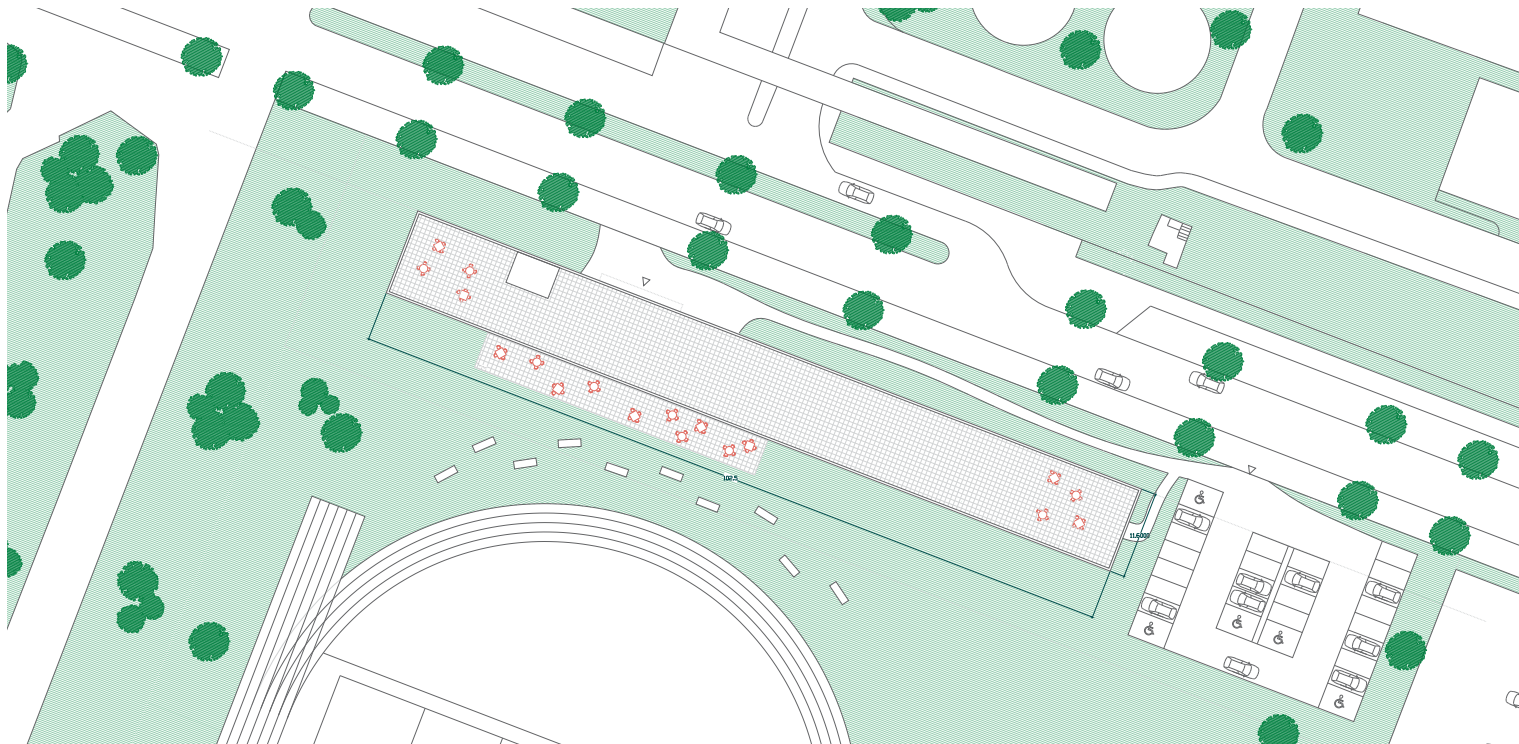
o concurso será, histórica e teoricamente, a forma democrática de acesso à encomenda pública. confrontado com um problema balizado, e partindo de uma premissa de igualdade de circunstâncias, qualquer autor pode oferecer uma resposta passível de, depois de um processo de análise e escolha, edificar ou, no mínimo, contribuir para uma discussão concreta.

o concurso não é uma entidade estática. modelos consumados e de resultados firmados, como o suíço, por oposição aos de carácter (aparentemente) experimental, como o belga, provam a vitalidade do concurso como forma de produção crítica e disciplinar, bem como de impacto cultural, que carece de revisão e reflexão constantes. o caso português coloca-se em aparente oposição a essa consciência, congelado e protegido pela realidade vigente da contratação pública.

o exercício proposto para a turma de pfa foi simples na sua formulação: uma simulação ficcionada de uma realidade distante, mas ao mesmo tempo próxima, propondo aos alunos a participação imediata em concursos públicos. antes do tempo, talvez, mas com a intenção de, por outro lado, expor tão cedo quanto possível os alunos a uma realidade tangível que poderão encontrar na prática, numa espécie de salto de possibilidades e expectativas. não seria expectável nem o objetivo que concorressem para vencer, pois qualquer prémio resultaria numa desclassificação, mas sim que entendessem este exercício académico como um simulacro da realidade que os espera: em condições laboratoriais tão próximas quanto possível da prática real. um trampolim.

ao longo do ano letivo, foram apresentadas propostas para sete concursos de diferentes escalas e programas, em diferentes cidades e contextos. em cada concurso, equipas mescladas com diferentes expectativas, com uma melhoria progressiva inequívoca das capacidades críticas e de produção de todos os alunos evidentes nas propostas apresentadas. todos os factos foram estudados: enunciados, programas preliminares, modelos de entrega, relatórios e avaliações de júri, comparações entre concorrentes.

num segundo momento, pós concursos, propôs-se uma janela de reflexão sobre um qualquer tema, individualmente. uma hipótese que pudesse resultar em tese, partindo da prática para a teoria, numa espécie de inversão de princípios. seria essa tese uma desculpa para permitir, como último exercício académico, como conclusão de um percurso, uma dissertação.



concurso de concepção
 elaboração do projeto da residência
 universitária da asprela, rua dr. plácido
 costa, porto
 ana maria
 carolina dionísio
 daniel anjos
 ines montês
 josé santos
 mariana cristino
 iscte 09.23 a 09.23

planta de implantação

1/1000

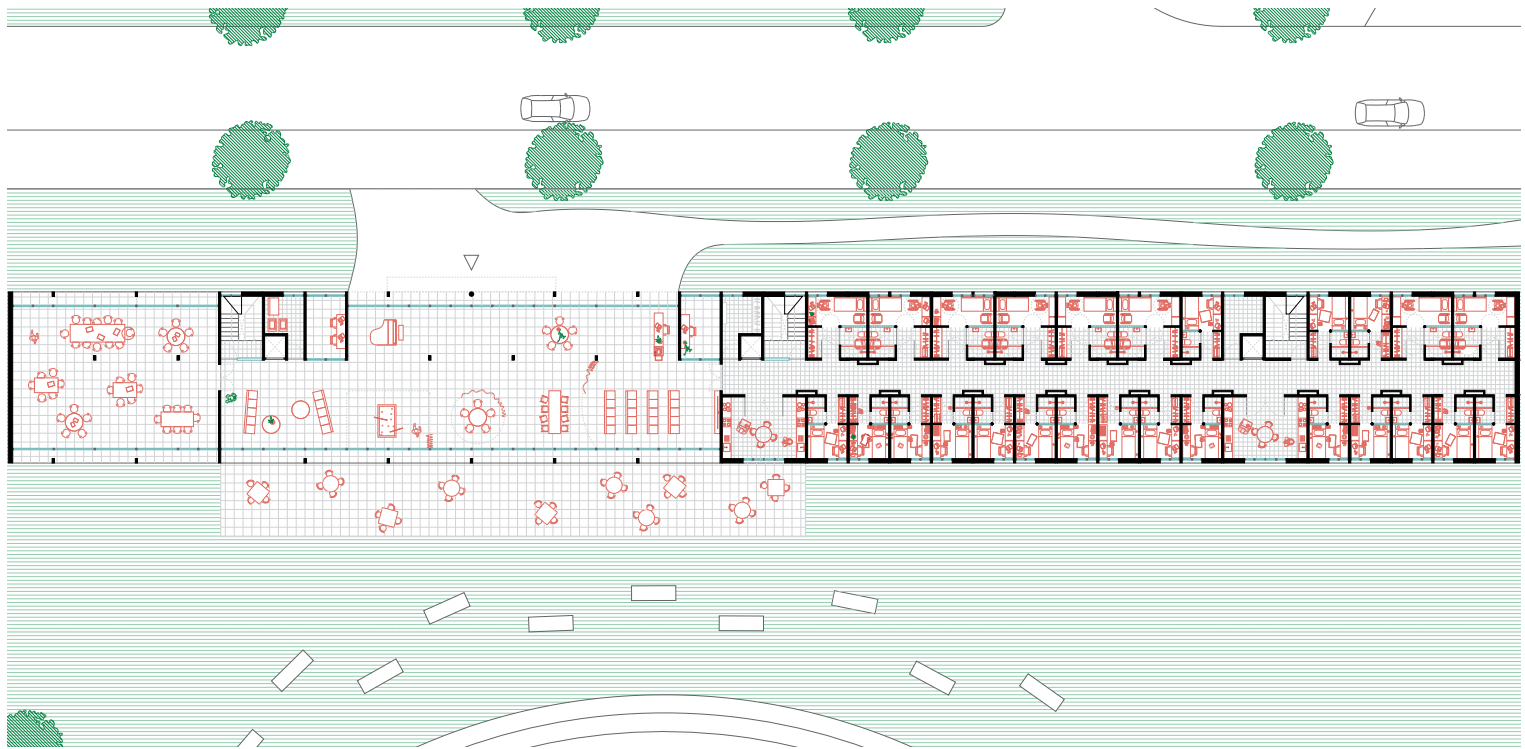
axonometria



1 / 86

começou! o concurso da asprela veio como entrada: seis pessoas e apenas duas semanas para finalizar. o programa, numa primeira revisão, pedia uma residência de estudantes para o polo universitário do porto; na verdade, parte do trabalho já estava feito. havia um desenho prévio de como seriam as tipologias e a organização do resto dos programas. o nosso trabalho passou a ser desenhar um alçado para esta base e, com alguma ginástica, tentar tornar esta base seca mais interessante, dando-nos a sensação de que também era nossa.

a equipa rapidamente percebeu que, para conseguir concluir o projeto no curto espaço de tempo, tinha de se organizar. para isso, aproveitámos as qualidades de cada um para distribuir as tarefas. depois de cada discussão, cada membro do grupo sabia o que devia fazer. como estávamos sempre em chamada via discord, sempre que havia uma dúvida ou um problema, rapidamente era discutido e arranjava-se uma solução.



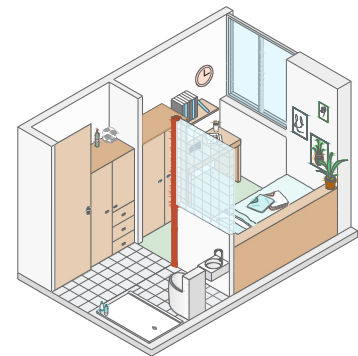
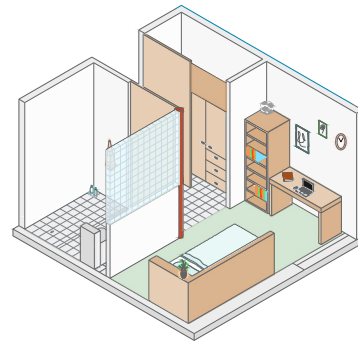
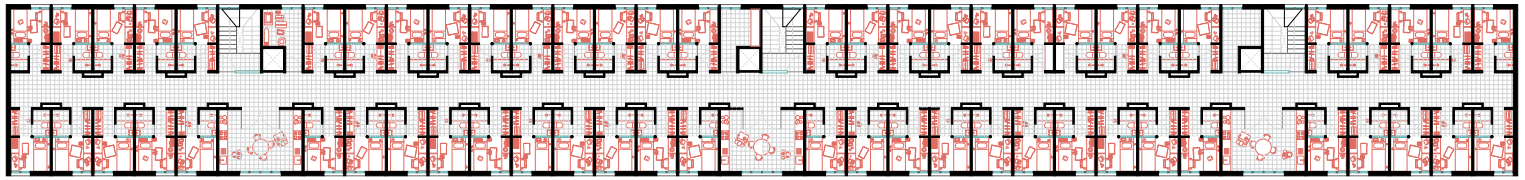
concurso de conceção
 elaboração do projeto da residência
 universitária da asprela, rua dr. plácido
 costa, porto
 ana maria
 carolina dionísio
 daniel anjos
 ines montês
 josé santos
 mariana cristino
 iscte 09.23 a 09.23

planta do piso térreo
 alçado norte
 corte longitudinal
 1/500



para o piso térreo, propomos que tenha o mínimo de paredes possível para que a zona social se envolva mais com o exterior. no interior deste espaço de entrada, damos a opção de se usar cortinas entre certos pilares para permitir alguma privacidade, mantendo assim sempre viva a ideia de espaço aberto.

o desenho da fachada foi um primeiro confronto num tema que vai ser recorrente durante os concursos, como se desenha um alçado. algo tão importante quanto a cara dos edifícios levanta sempre temas de como é que ele se desenha, como toca no chão, qual é a posição das janelas, como se misturam materiais, como se encerra no topo, entre outros. o que tentamos procurar com este alçado foi encontrar uma forma de fazer com que este edifício não parecesse tão horizontal como é. para isso, aproveitamo-nos dos ressaltos entre elementos para dar vibração ao alçado. repartimos verticalmente os planos das paredes dos quartos, através da utilização dos azulejos brancos e verdes, sendo os verdes sempre seguidos pela posição onde se encontram as janelas. o ritmo é equilibrado com a pintura a preto dos pilares verticais que vão do chão ao topo. o resultado serve como um primeiro teste, mas longe do seu potencial.



concurso de concepção
 elaboração do projeto da residência
 universitária da asprela, rua dr. plácido
 costa, porto
 ana maria
 carolina dionísio
 daniel anjos
 ines montês
 josé santos
 mariana cristino
 iscte 09.23 a 09.23

planta do piso tipo

1/500

interior do quarto individual

módulo tipo (quarto acessibilidades)

módulo tipo (quarto individual)



agora é preciso falar sobre o módulo. foi-nos entregue uma planta básica centímetro a centímetro de como se pretendia o desenho deste módulo. dentro desta base e tentando mexer o mínimo possível, tentamos torná-lo melhor. para isso, encurtamos a dimensão do “hall de entrada” e adicionamos uma parede de tijolo de vidro entre o espaço de dormir e a casa de banho. como são privadas ao quarto, não há questões de privacidade e acaba por ter iluminação natural.

a mudança mais significativa foi a adição de um pilar vermelho que marca a afirmação da mudança. a porta adjacente a este pilar, quando fecha, a casa de banho permite esta ligação direta entre o espaço de dormir e a entrada, e quando fecha, a área de dormir serve como uma segunda barreira sonora para os barulhos que possam vir do corredor.

todo o mobiliário também foi desenhado por nós, de modo a aproveitar o máximo de espaço possível.



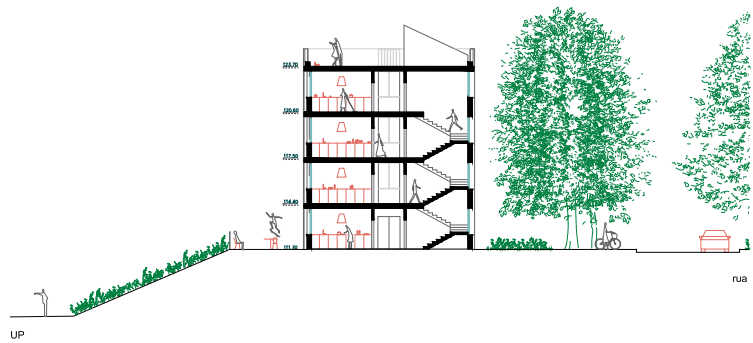
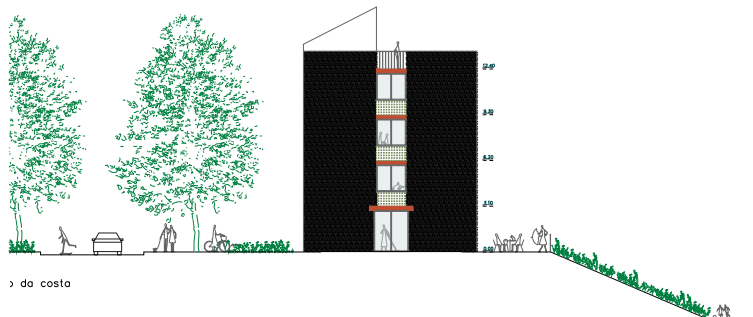
concurso de concepção
 elaboração do projeto da residência
 universitária da asprela, rua dr. plácido
 costa, porto
 ana maria
 carolina dionísio
 daniel anjos
 ines montês
 josé santos
 mariana cristino
 iscte 09.23 a 09.23

exterior da cobertura
 corredor de acesso aos quartos

4 / 86

houve um pensamento recorrente entre nós: enquanto estudantes, o que é que gostamos de ter na nossa residência? um terraço, se possível tão grande quanto o edifício. seria um espaço para múltiplas funções: ler um livro ao sol, apanhar um bocadinho de cor no verão ou simplesmente um sítio perto do quarto em que se pudesse estar a conviver ao ar livre. a função é ilimitada ao interesse existente.

a segunda imagem representa o espaço dos corredores de acesso aos quartos. usamos um elemento técnico necessário, como as courettes, para dar alguma vibração a este espaço tão comprido e estreito. permite também encostar objetos nestes cantos, como vasos, guarda-chuvas ou, temporariamente, as garrafas vazias das festas da noite anterior.



concurso de concepção
 elaboração do projeto da residência
 universitária da asprela, rua dr. plácido
 costa, porto
 ana maria
 carolina dionísio
 daniel anjos
 ines montês
 josé santos
 mariana cristino
 iscte 09.23 a 09.23

vista do exterior da entrada do edifício
 alçado de topo
 1/500
 corte transversal
 1/500

outro tema foi como evidenciamos a entrada. para isso, aumentamos a laje para
 marcar a entrada e servir como um coberto em dias de chuva. adicionamos uma
 tira de relva entre o caminho que liga ao estacionamento e os quartos que estão
 no térreo, para dar-lhes um pouco mais de privacidade.

no extremo poente do edifício, o elemento vertical ganha altura na cobertura,
 sendo este o único acesso à mesma.



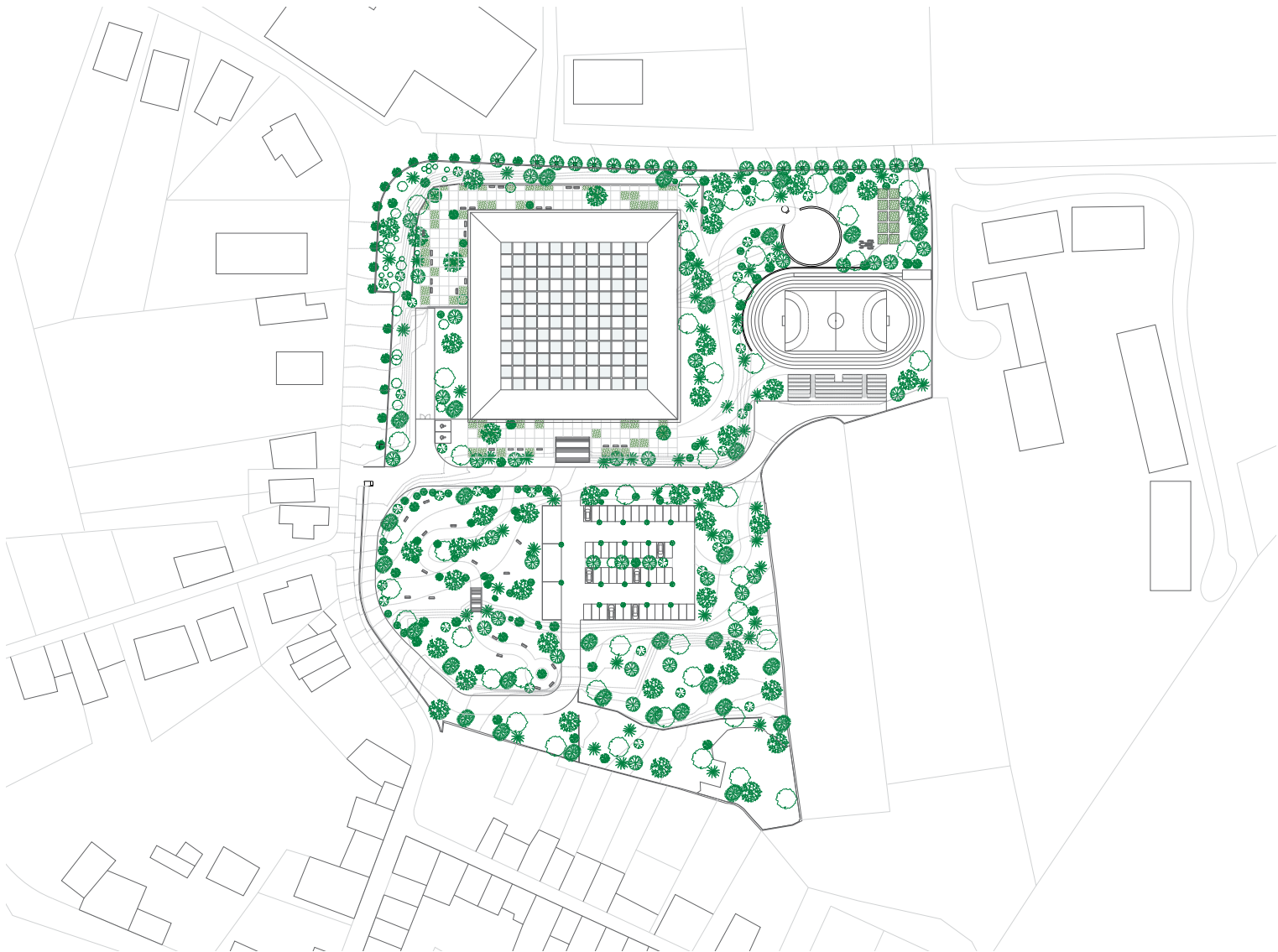
concurso de conceção
elaboração do projeto da residência
universitária da asprela, rua dr. plácido
costa, porto
ana maria
carolina dionísio
daniel anjos
ines montês
josé santos
mariana cristino
iscte 09.23 a 09.23

vista exterior orientada a sul

6 / 86

um dos problemas do concurso em portugal é a obrigatoriedade da utilização do render como elemento principal do projeto. as plantas passaram a ser secundárias e, para conseguir introduzir inovação, não podemos deixar de jogar o jogo proposto. por isso, começamos aqui outro caminho em busca das melhores imagens que representam e vendem a ideia.

no final deste concurso, conseguimos concluir que a discussão em grupo ia ser uma das coisas mais desafiadoras e importantes para enfrentar estes concursos. o mais difícil foi fazer com que todos falassem e dessem a sua opinião, mas eventualmente entrámos na mesma frequência e foi só continuar. é preciso dar oportunidade para haver discussão, para assim todos ficarem satisfeitos durante o processo e depois com o resultado. que venha o próximo.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto da escola básica
integrada lagoa - são miguel, açores

beatriz carpinteiro

daniel anjos

josé santos

laura lopes

mariana cristino

yana chepilko

iscte 10.23 - 10.23

planta de implantação

1/2000



alçado sudeste

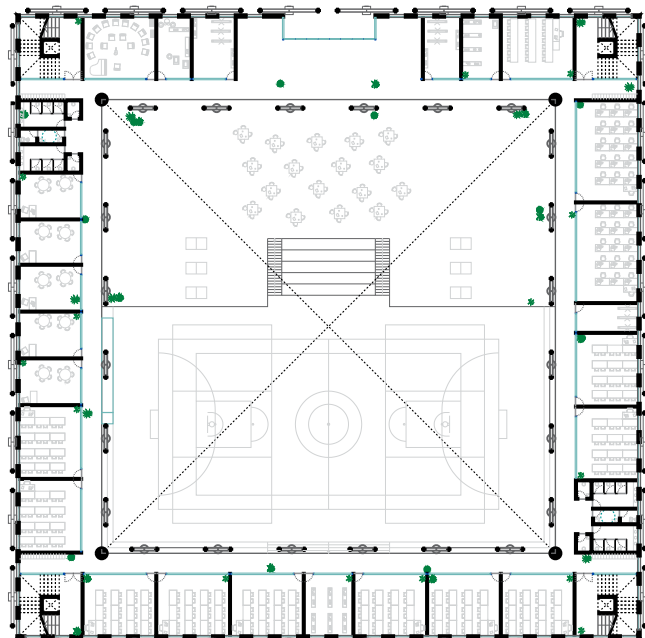
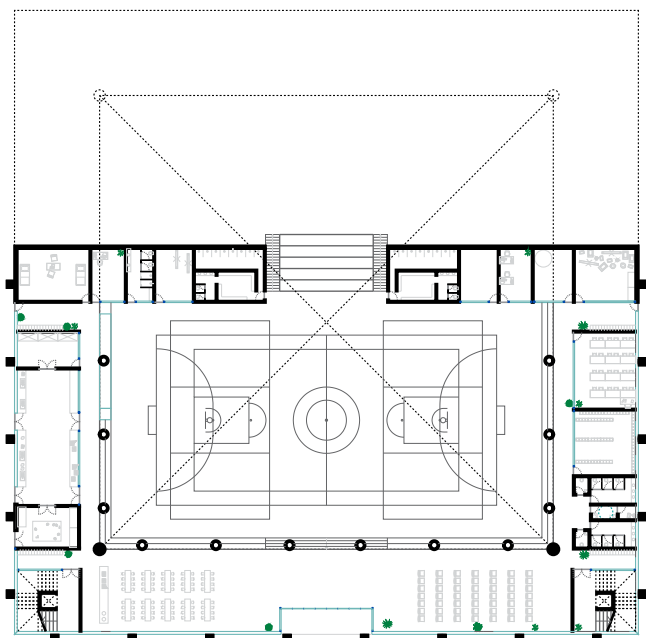
1/400

8 / 93

começa a segunda ronda. o grupo manteve o tamanho, mas mudaram-se os elementos. desta vez, um programa mais complexo: uma escola básica em são miguel, nos açores, do zero em apenas duas semanas.

mais liberdade envolve mais trabalho, e o início foi turbulento. foi preciso uma reunião de condomínio entre a turma toda para fechar ideias. decidimos atacar duas frentes: um grupo fica com a opção compacta e o outro com a fragmentada.

a frente que o meu grupo atacou foi a primeira. pegando no extenso programa, dividimo-lo por três tipos: social, alunos e professores. consequentemente, representaram os três pisos do edifício.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto da escola básica
integrada lagoa - são miguel, açores
beatriz carpinteiro
daniel anjos
jose santos
laura lopes
mariana cristino
yana chepilko
iscte 10.23 - 10.23

plantas do piso térreo e do piso 1
1/800

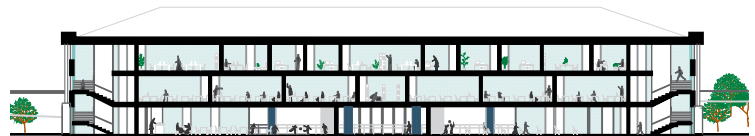
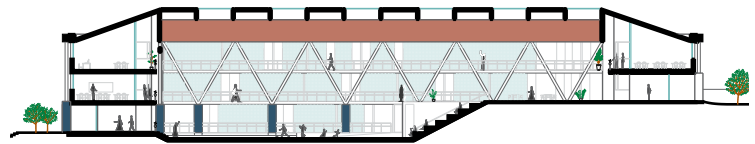


vista do campo desportivo

9 / 93

estes programas circundam um espaço central com um generoso pé direito triplo, que é utilizado não só como área de jogos e recreio para os estudantes, como também ilumina as galerias e ajuda a ter ainda mais luz dentro das salas de aula.

a escolha das cores é em busca de tons alegres, por se tratar de um espaço para crianças, e, ao mesmo tempo, esta diferença permite ter uma melhor leitura de elementos como a estrutura, cobertura, porta e parede.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto da escola básica
integrada lagoa - são miguel, açores
beatriz carpinteiro
daniel anjos
josé santos
laura lopes
mariana cristino
yana chepilko
iscte 10.23 - 10.23

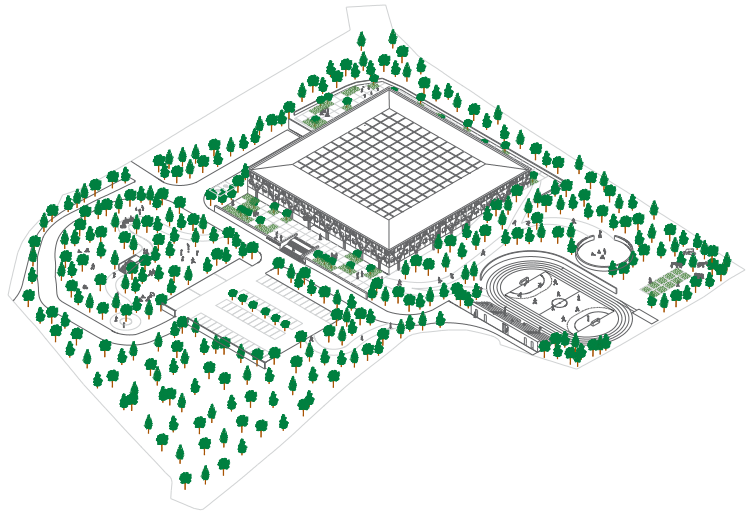
vista para o interior do complexo

10 / 93

vista do interior de uma sala

corte pelo campo desportivo e corte
pelas salas
1/800

as salas de aula têm paredes de tijolo de vidro para tentar trazer ainda mais iluminação ao espaço central e, para que, enquanto se está neste espaço, consigamos ver o movimento dentro das salas através de uma distorção das formas que o tijolo de vidro permite. é como se estivéssemos num teatro de sombras japonês.



concurso de conceção para a
 elaboração do projeto da escola básica
 integrada lagoa - são miguel, açores
 beatriz carpinteiro
 daniel anjos
 josé santos
 laura lopes
 mariana cristino
 yana chepilko
 iscte 10.23 - 10.23

vista da entrada principal

11 / 93

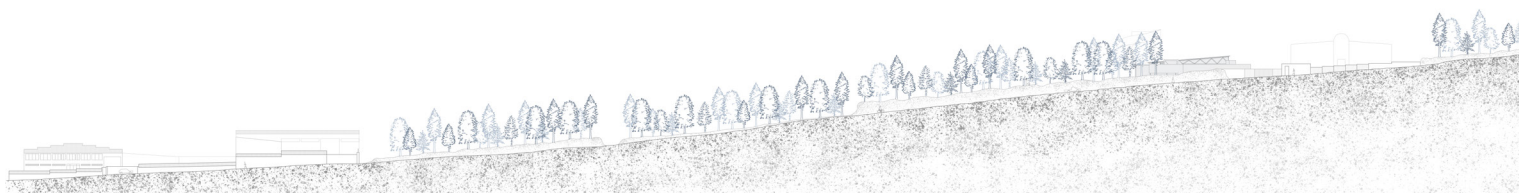
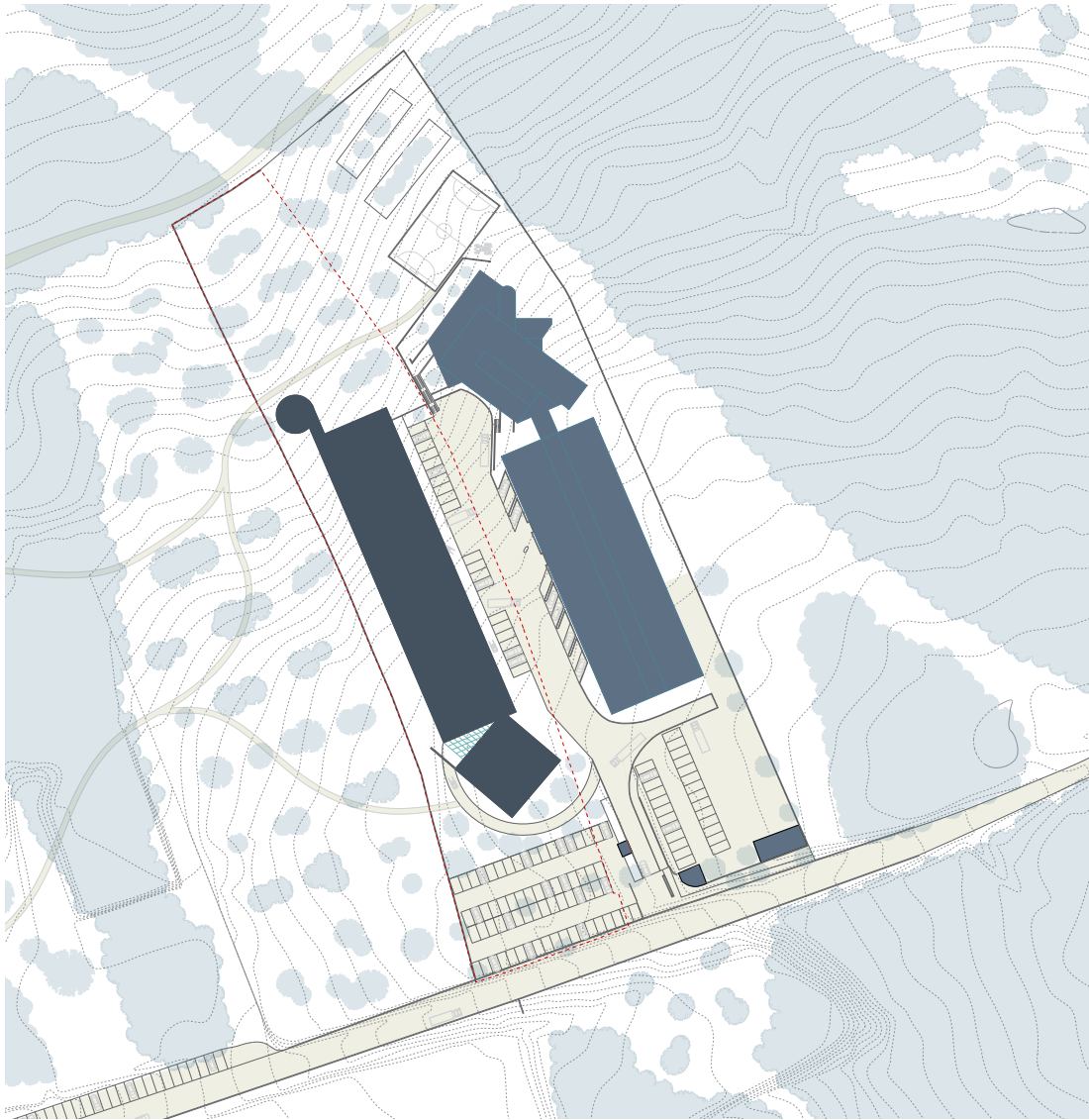
axonometria

alçado sudoeste
 1/400

no desenho do alçado, tentamos separar os elementos por cores para facilitar a
 leitura dos mesmos. estes elementos triangulares estruturais dão a expressão
 que precisamos para equilibrar a linha horizontal de vidro no térreo e a quadricula
 remetente à planta nos dois pisos restantes.

outro tema que começamos a perceber que era importante é como se toca no
 chão e como se acaba no topo. neste projeto, tentamos criar a sensação de que
 esta massa toda quase que não toca no chão e encerramos o topo com uma banda
 mais grossa, como um friso.

a dificuldade neste concurso foi toda a questão estrutural, que só comprova que
 ainda não estamos preparados para lidar com essas questões e que ainda temos
 muito a aprender.



projeto de execução do edifício ccc -
 cork competences center, rua alto do
 picão, santa maria de lamas
 ana maria
 beatriz carpinteiro
 carolina dionísio
 daniel anjos
 diogo cravinho
 gonçalo cruz
 inês montês
 joana leite
 josé santos
 laura lopes
 mariana cristino
 yana chepilko
 iscte 11/23 a 11/23

planta de implantação
 perfil transversal
 1/2000

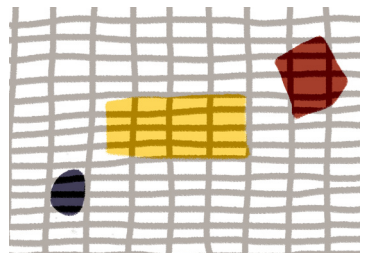
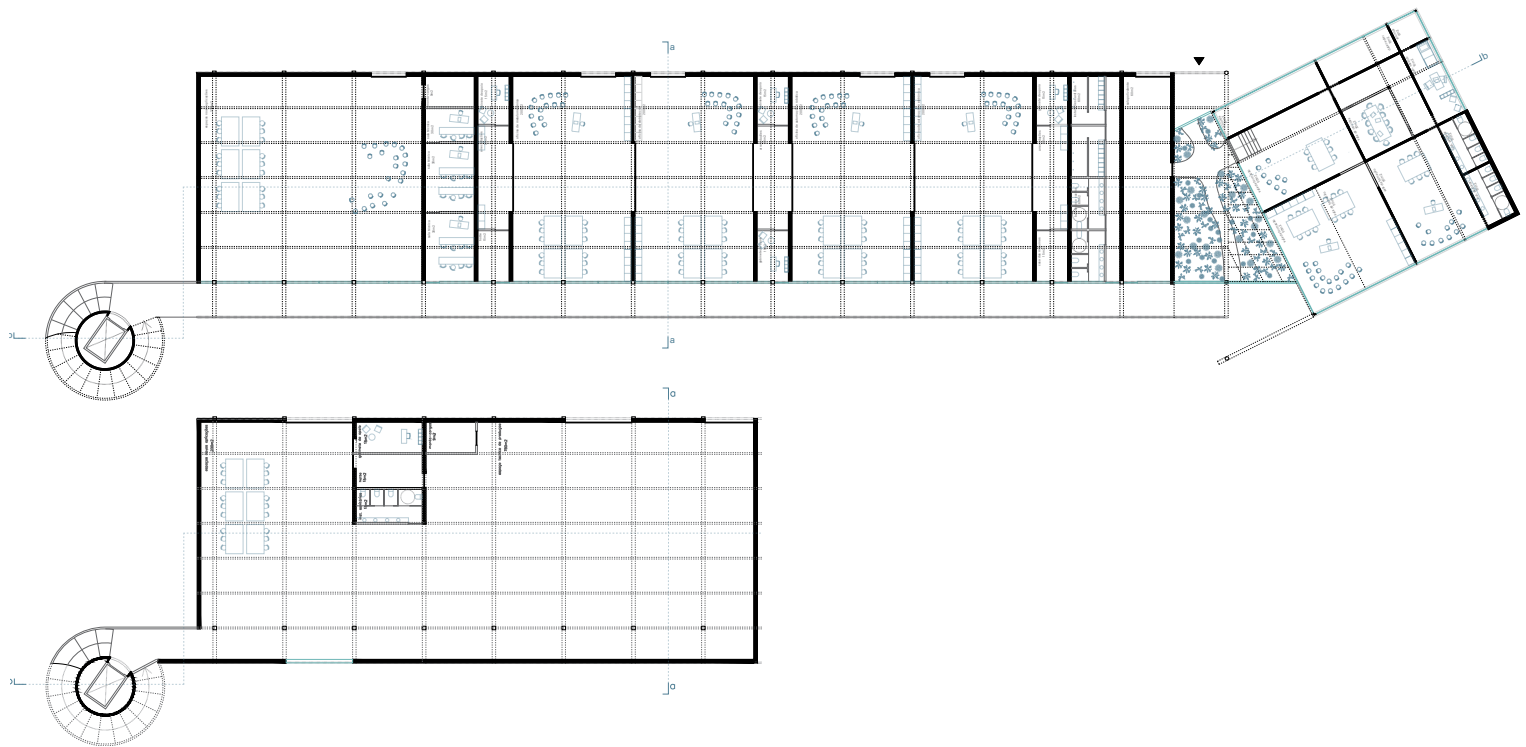


o terceiro desafio foi um exercício diferente: foi a primeira e única vez que a turma toda trabalhou em conjunto para uma só proposta. o programa consistia na criação de um centro de formação profissional da indústria de cortiça ao lado da fábrica pré-existente da cincork.

o verdadeiro desafio não foi o projeto em si, mas sim de que forma é que 12 pessoas iam distribuir tarefas e comunicar entre si para conseguir cumprir o pouco tempo que tínhamos para fazer o projeto.

inicialmente, separamos-nos em grupos para testar hipóteses diferentes e íamos fazendo reuniões para que todos comentassem sobre todas as propostas. dependendo do resultado da conversa, distribuíamos tarefas.

a premissa deste concurso foi diferente das anteriores: de que forma é que nos íamos conseguir relacionar com um edifício pré-existente mesmo ao lado?



projeto de execução do edifício ccc -
cork competences center, rua alto do
picão, santa maria de lamas
ana maria
beatriz carpinteiro
carolina dionísio
daniel anjos
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
josé santos
laura lopes
mariana cristino
yana chepilko
iscte 11/23 a 11/23

planta piso 0
planta piso -1
1/650

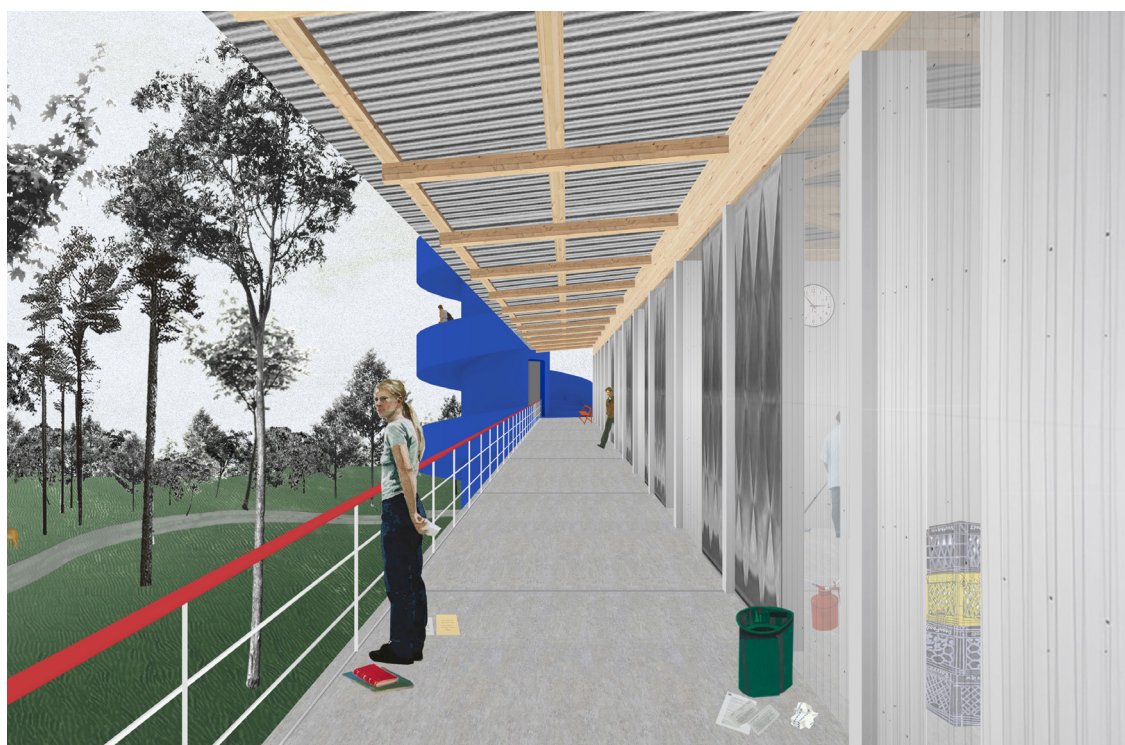


o programa era simples: eram necessárias salas de aula e oficinas de trabalho. a ideia foi separar estes dois programas mais distintos em edifícios diferentes, como uma releitura da implantação do edifício pré-existente.

as salas de aula e a direção eram o edifício que nos recebia quando chegávamos. rodamos a implantação comparativamente às oficinas para convidar a entrada entre os dois edifícios. o elemento vertical surge no fim das oficinas, de modo a ligar com o piso inferior e estar solto sobre a própria paisagem do pinhal.

esta entrada era feita através de um jardim de inverno, programa também requerido por parte da entidade que propôs o concurso.

o edifício das oficinas seguia uma grelha em que os programas de apoio apareciam pelo meio das oficinas, de modo a conseguir apoiar todos os espaços e ocupar o mínimo espaço de alçado possível.



projeto de execução do edifício ccc -
cork competences center, rua alto do
picão, santa maria de lamas

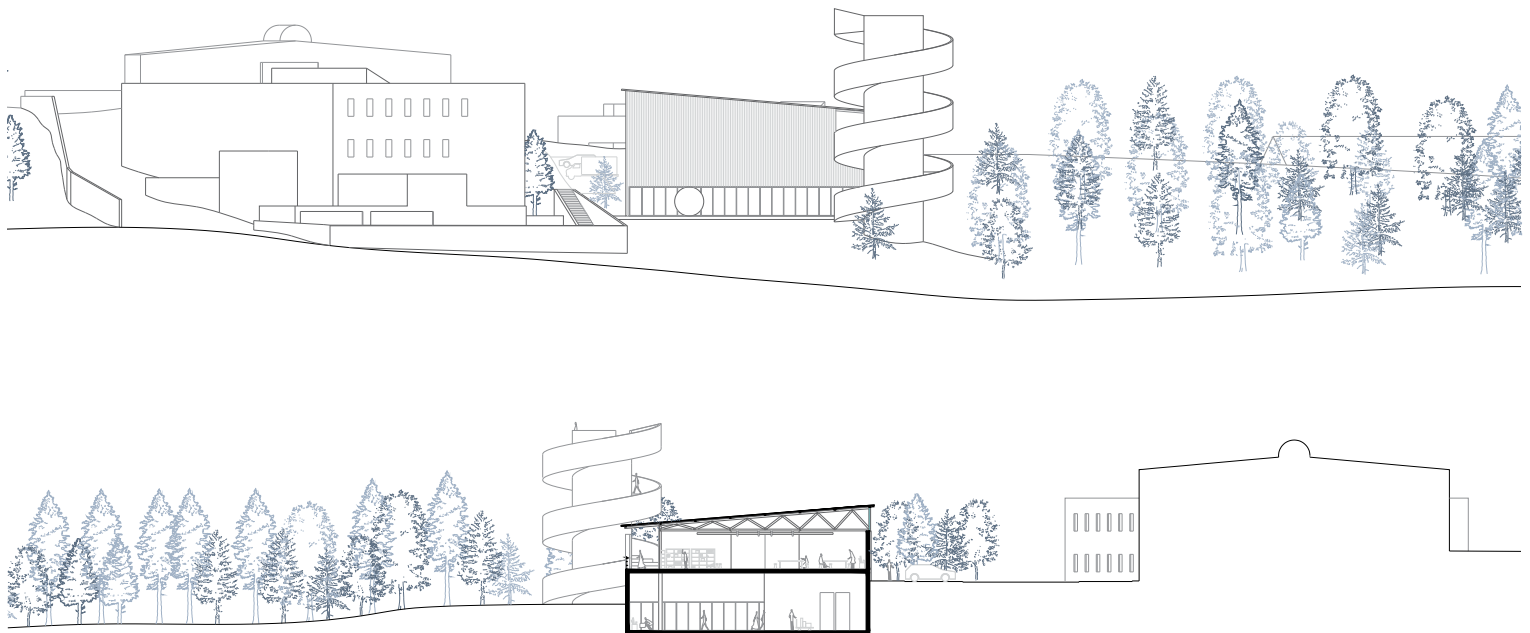
ana maria
beatriz carpinteiro
carolina dionísio
daniel anjos
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
josé santos
laura lopes
mariana cristino
yana chepilko
iscte 11/23 a 11/23

vista do corredor exterior

15 / 86

neste projeto, usamos a colagem como elemento principal de representação. a imagem de cima representa este momento de entrada pelo jardim de inverno, onde observamos também a junção de dois tipos de construção que estamos a usar: o betão com aglomerado de cortiça no edifício das salas de aula e o metal nas oficinas. tentamos fazer uma junção destas duas grelhas e destes dois materiais, com a treliça de madeira a encaixar num pilar de betão e uma viga de betão a encaixar num pilar metálico.

a segunda imagem mostra este espaço de corredor, onde vão passar as empilhadoras e os acessos dos estudantes às oficinas. viramos este acesso para a floresta, para que ela própria esteja sempre presente na circulação dentro do projeto. também percebemos a presença deste elemento vertical azul que se destaca sobre o resto.



projeto de execução do edifício ccc -
cork competences center, rua alto do
picão, santa maria de lamas

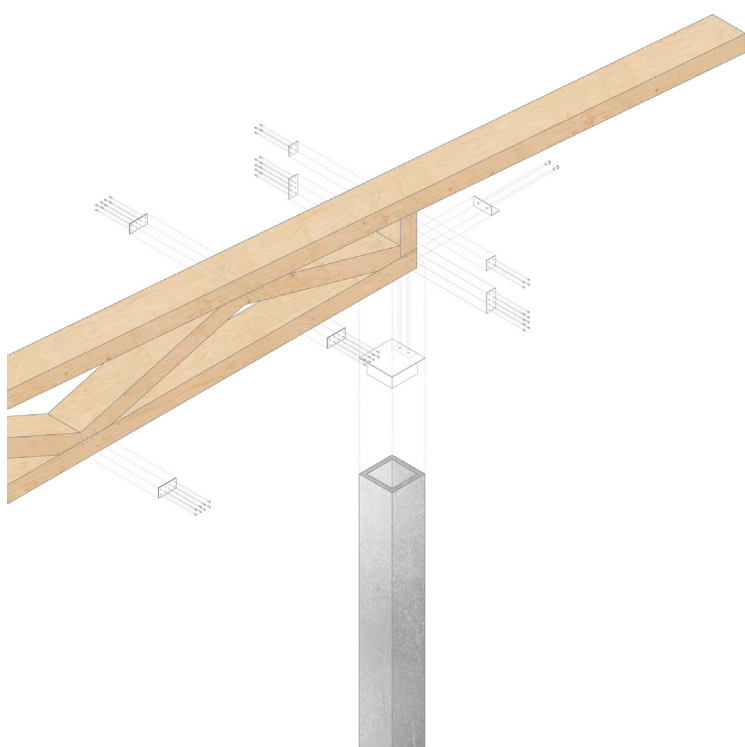
ana maria
beatriz carpinteiro
carolina dionísio
daniel anjos
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
josé santos
laura lopes
mariana cristino
yana chepilko
iscte 11/23 a 11/23

alçado norte
corte transversal
1/650

16 / 86

o edifício das oficinas foi desenhado para se apresentar semelhante a uma fábrica. para isso, utilizamos o metal e aproveitamos as suas propriedades para abrir um vão de ponta a ponta, de modo a iluminar o piso inferior.

a inclinação da cobertura, que podemos visualizar no corte, existe para, na parte baixa, focar a visão sobre a paisagem e, no lado oposto, a parede tapa o exterior onde passam as máquinas e abre só na parte alta. conseguimos assim ter luz e manter o foco de visão na floresta.



projeto de execução do edifício ccc -
cork competences center, rua alto do
picão, santa maria de lamas

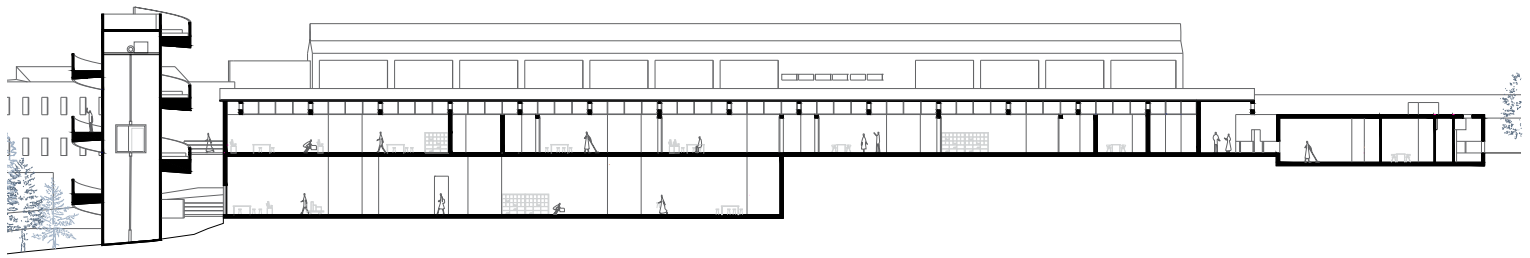
ana maria
beatriz carpinteiro
carolina dionísio
daniel anjos
diogo cravinho
gonçalo cruz
inês montês
joana leite
josé santos
laura lopes
mariana cristino
yana chepilko
iscte 11/23 a 11/23

vista do interior das oficinas
pormenor construtivo da cobertura

17 / 86

através da análise desta imagem, conseguimos falar sobre vários pontos do projeto. começamos na materialidade: sendo este edifício o que representa as oficinas, utilizamos o metal por causa do aspeto fabril que conseguimos obter com ele, a madeira para trazer a ideia de uma escola de cortiça e da floresta para o interior, e o chão em linóleo pela fácil aplicação e manutenção. os portões centrais são pintados de amarelo para se descolar do plano da parede; pretendemos que as oficinas pudessem comunicar entre si, então é imprescindível a utilização destes portões.

apesar do tempo ter sido apertado com a distribuição do trabalho, conseguimos avançar para um pormenor que representa o encaixe das treliças nas paredes.



projeto de execução do edifício ccc -
cork competences center, rua alto do
picão, santa maria de lamas

ana maria

beatriz carpinteiro

carolina dionísio

daniel anjos

diogo cravinho

gonçalo cruz

inês montês

joana leite

josé santos

laura lopes

mariana cristino

yana chepilko

iscte 11/23 a 11/23

vista da fachada poente

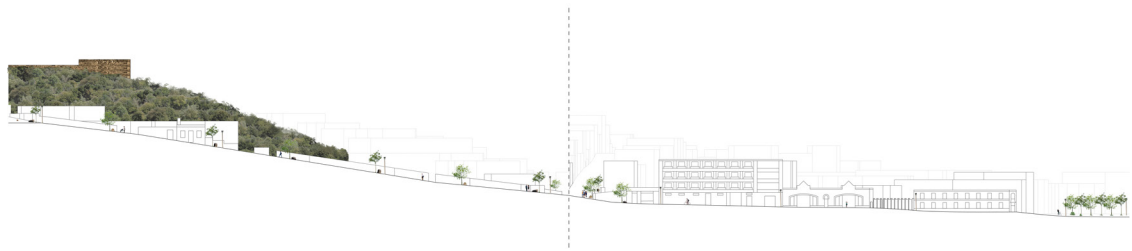
corte longitudinal

1/650

18 / 86

esta imagem foi das mais fortes deste ano, demonstra o significado de trabalho de equipa. apesar de ter sido produzida por uma só pessoa, nunca chegaria a este resultado se não tivesse havido discussão durante o seu processo.

apesar da dificuldade que é trabalhar com um grupo grande, estou bastante satisfeito com o resultado. enquanto turma, conseguimos aproveitar as capacidades de cada um quando distribuímos tarefas e chegamos a uma proposta muito sólida, tanto a nível de projeto como a nível gráfico. estamos cada vez mais preparados para tentar um concurso individualmente.

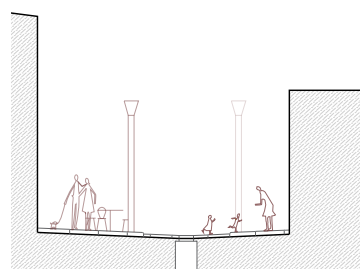
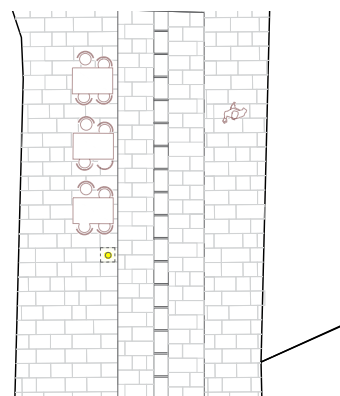
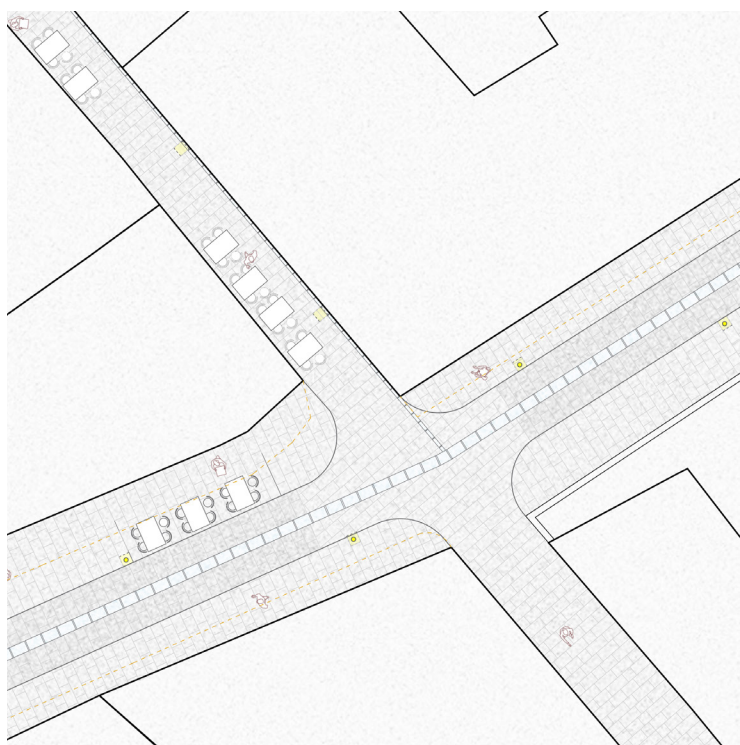


concurso conceção
 do mosteiro ao castelo | acessibilidade
 e nova mobilidade
 daniel anjos
 diogo cravinho
 joana leite
 iscte 11.23 a 01.24

planta de implantação
 1/4000
 perfil da avenida maria de oliveira + rua
 frei estevão
 1/2000
 conceito geral
 do castelo para a cidade



na quarta ronda de concursos, aumentamos os grupos para três elementos e o tempo para dois meses. foi o único projeto de urbanismo que fizemos; o concurso pretendia que fosse feita uma intervenção em algumas ruas do centro histórico de alcobaça. em turma, decidimos atacar quatro frentes diferentes. o meu grupo ficou com a proposta alcunhada de "arroz" por ser a proposta mais bem-comportada de todas: um bom desenho urbano, mas sem levantar muita poeira. propomos dar o máximo espaço às pessoas e o mínimo aos carros, alargando os passeios. mantivemos o material usado na intervenção do gonçalo byrne na praça do mosteiro de alcobaça, para manter esta relação com o lugar. na avenida maria de oliveira, adicionamos umas pedras semelhantes às do castelo, que servem para unir a praça do mosteiro de alcobaça com o castelo, deixando estas pegadas a indicar o caminho mais rápido.



concurso conceção
do mosteiro ao castelo | acessibilidade
e nova mobilidade
daniel anjos
diogo cravinho
joana leite
iscte 11.23 a 01.24

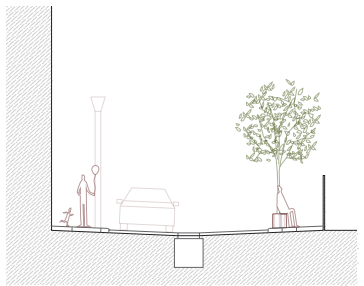
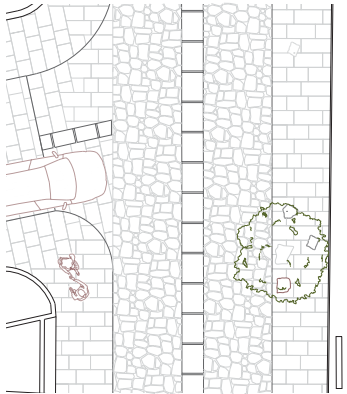
rua eng. duarte pacheco
peões com prioridade
planta promenor
corte com a respectiva planta
1/350



21 / 86

a base do projeto é clara: quatro tipos de pedra vão resolver todas as situações. esta pedra é local, calcário de moleanos. um dos tipos da pedra é usado nos passeios, a versão mais resistente da mesma pedra está na estrada de um sentido e, por último, umas mais fragmentadas são usadas nas grandes avenidas. no meio das estradas, está sempre uma pedra mais polida, onde se junta e escorre a água. a ideia é que, quando molhada, tenha um brilho diferente, alusivo a um caminho de água.

a alteração feita na rua eng. duarte pacheco foi torná-la condicionada a cargas e descargas e a moradores com garagens. por se tratar de uma rua apertada e com comércio, se os carros tentarem circular e com a possibilidade de estacionar, acabam por obstruir grande parte do passeio, tornando o lugar menos agradável.



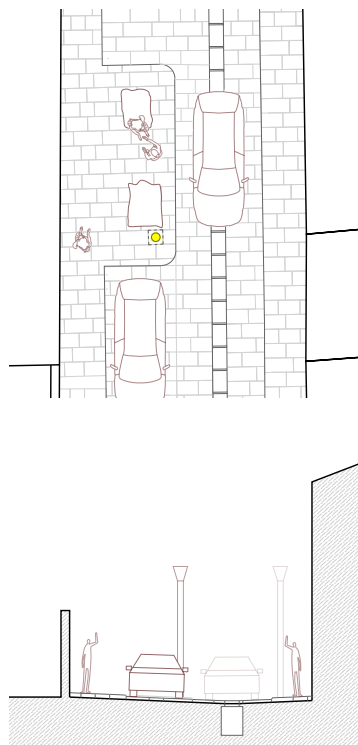
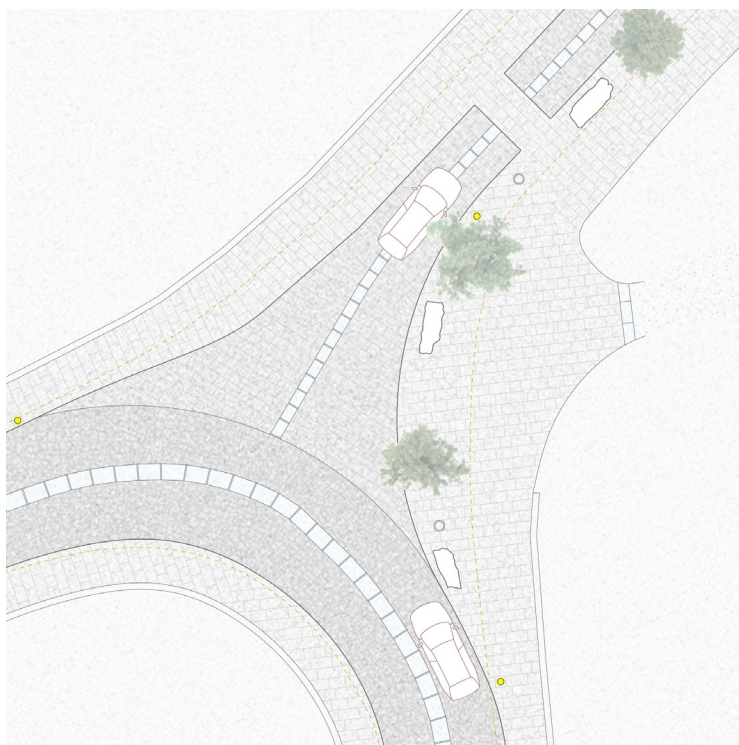
concurso conceção
do mosteiro ao castelo | acessibilidade
e nova mobilidade
daniel anjos
diogo cravinho
joana leite
iscte 11.23 a 01.24

vista da rua cândido dos reis
carros com prioridade
planta promenor
corte com a respectiva planta
1/350



22 / 86

na avenida maria de oliveira, temos a alteração mais complexa. na interseção, encurtamos o espaço de manobra para minimizar, somente ao necessário, o espaço do carro e, com o que foi retirado, conseguimos aumentar o espaço do pedestre. outra adição são umas pedras semelhantes às do castelo, que servem como mobiliário urbano ou como bloqueador de estacionamento.



concurso conceção
do mosteiro ao castelo | acessibilidade
e nova mobilidade
daniel anjos
diogo cravinho
joana leite
iscte 11.23 a 01.24

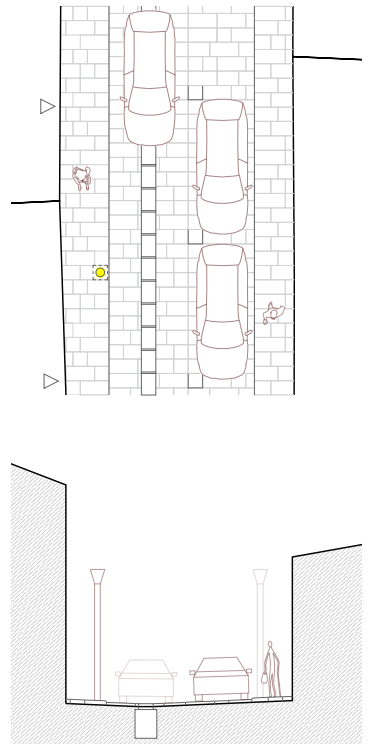
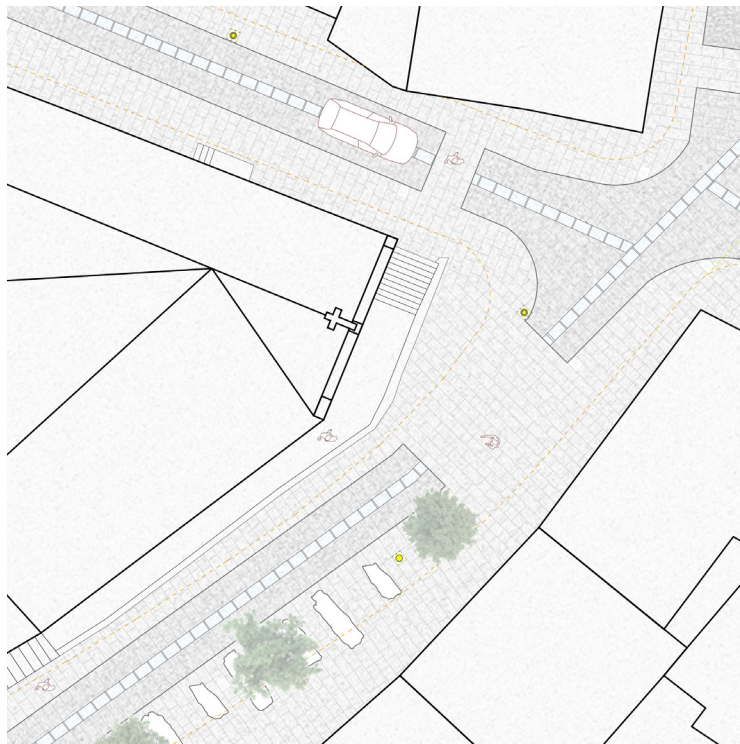
vista da avenida maria de oliveira
entrada das ruínas do castelo

planta promenor
corte com a respectiva planta
1/350



23 / 86

na chegada ao castelo, apercebemo-nos de que o momento de entrada para os caminhos do castelo não tem a expressão que devia ter. para resolver essa questão, aumentamos o passeio de forma a ganhar uma "praça", com árvores e bancos.



concurso conceção
do mosteiro ao castelo | acessibilidade
e nova mobilidade
daniel anjos
diogo cravinho
joana leite
iscte 11.23 a 01.24

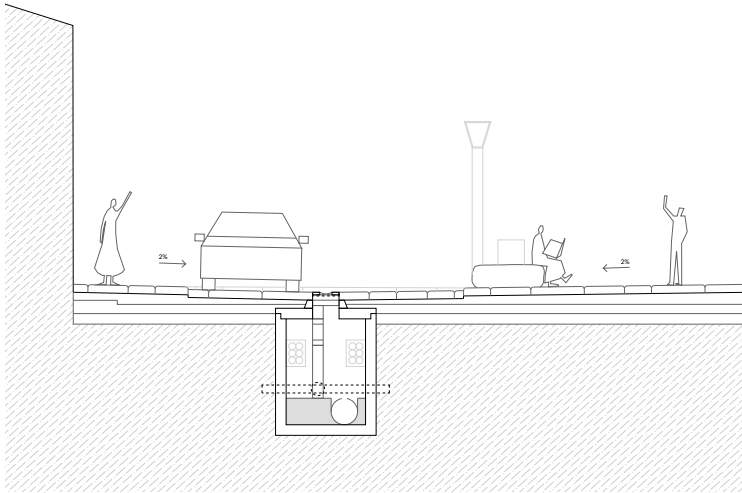
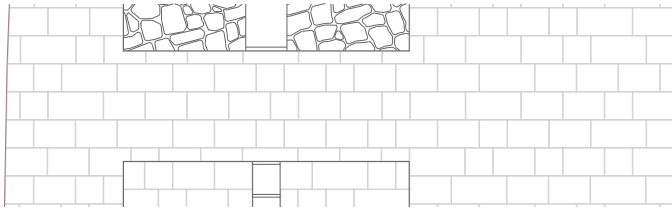
vista da rua miguel bombarda
peões com prioridade

planta promenor
corte com a respectiva planta
1/350



24 / 86

uma igreja não é uma igreja sem uma praça. com isto em mente, criamos uma grande praça em frente à igreja da misericórdia de alcobaça, com bancos e árvores para se juntarem grandes grupos, tal e qual como no castelo.

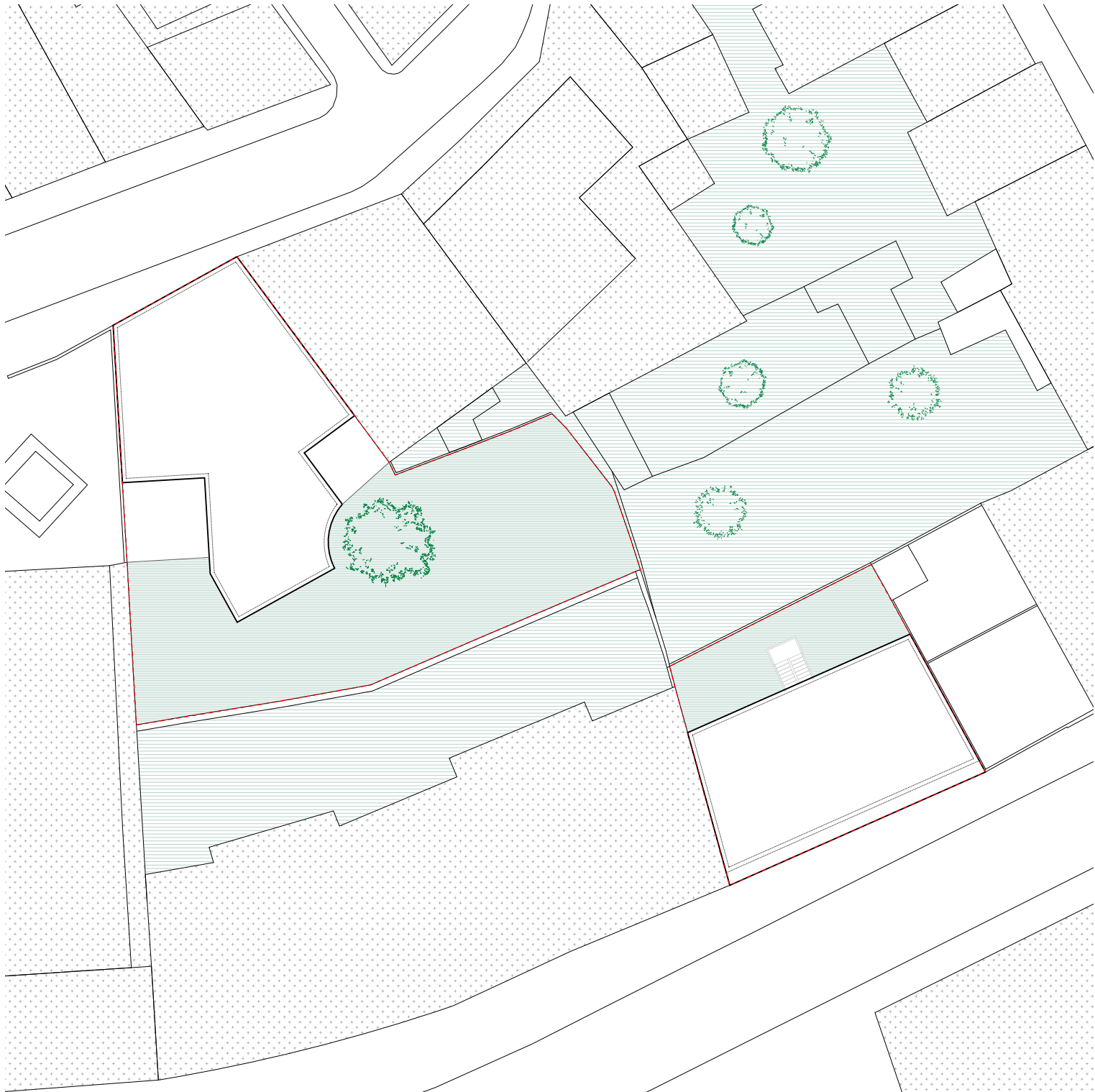


concurso conceção
do mosteiro ao castelo | acessibilidade
e nova mobilidade
daniel anjos
diogo cravinho
joana leite
iscte 11.23 a 01.24

axonometria
igreja da Misericórdia de Alcobaça
corte detalhado com a respectiva
planta
1/100

25 / 86

este concurso permitiu-nos também ter uma ideia de como funcionam os sistemas pluviais das ruas, e a proposta que damos é para facilitar o seu acesso quando precisar de manutenção, sendo só preciso retirar as pedras onde estão as fissuras para o escoamento. todo o mobiliário urbano foi pensado em continuidade com o que a cidade de alcobaça representa, tanto a materialidade do castelo como da praça do mosteiro, e também se fez uma releitura do desenho dos candeeiros da praça. neste concurso, percebemos que o tempo não é necessariamente sinónimo de projetos melhores, mas sim de trabalho mais calmo. em vez de estarmos como máquinas de produção a lutar contra o relógio, estivemos outra vez na sensação de ser estudante e estar na luta entre o trabalho e o lazer. depois disto, estamos prontos para o derradeiro desafio.

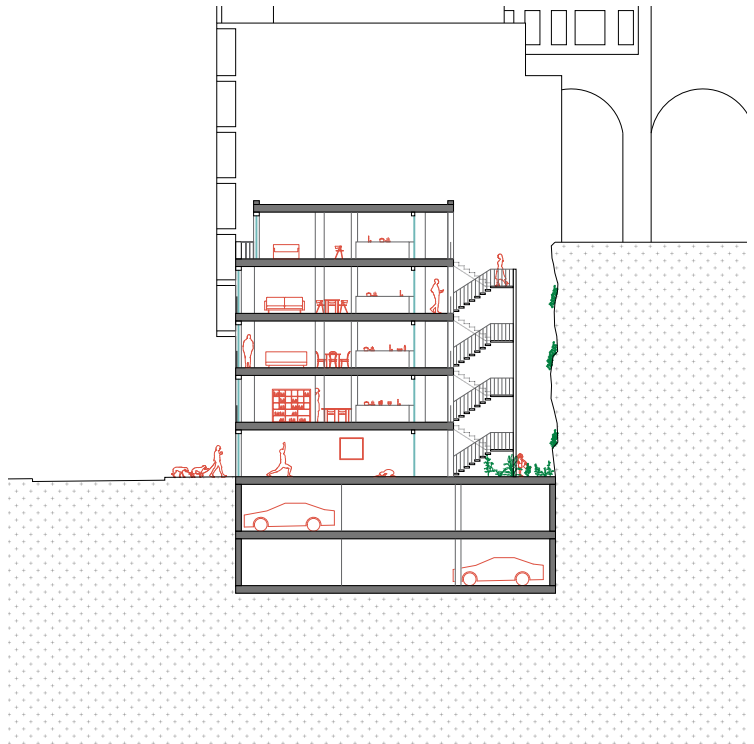
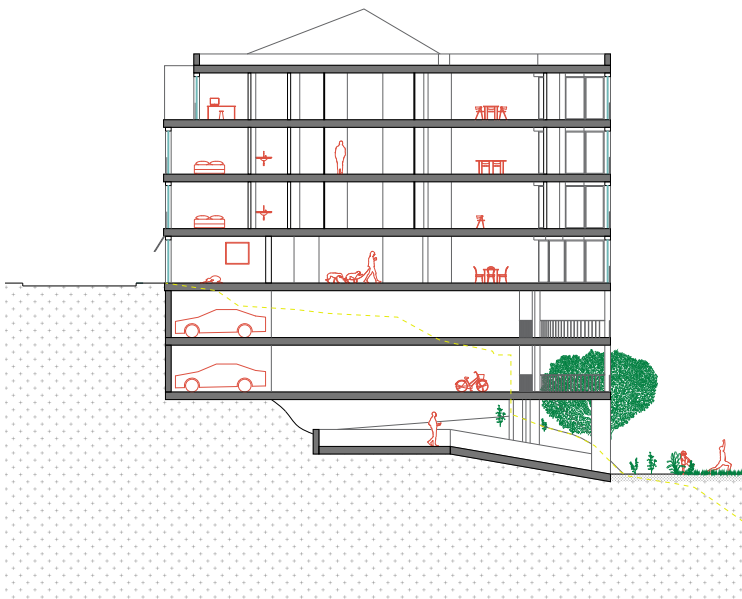


concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente
iscte 01.24 a 02.24

planta de implantação
1/400



chegou a altura, o primeiro concurso individual, a primeira oportunidade para pôr à prova tudo aquilo que aprendemos em grupo até agora. houve algum receio, mas a motivação para fazer habitação foi mais forte e deixou-nos mais do que motivados para agarrar o touro pelos cornos. depois de estudarmos o concurso, percebemos que não tínhamos uma tarefa nada fácil: dois lotes e duas condições muito diferentes, com apenas um mês para entregar. um lote numa cota mais alta, denominado ni01, e um numa mais baixa, ni02. o ni01 tem uma condição especial, que é a presença de uma oliveira centenária que não pode ser removida.



concurso de conceção para a elaboração do projeto edifícios de habitação na rua de santa engrácia e rua da bela vista à graça, na freguesia de são vicente
iscte 01.24 a 02.24

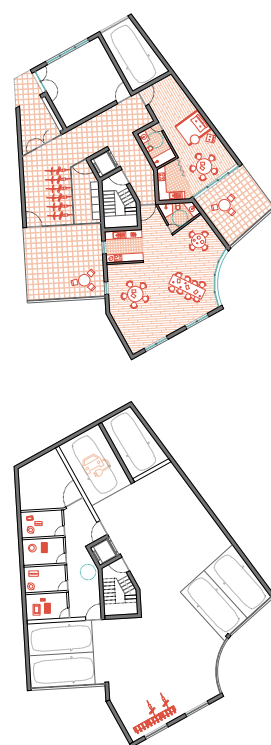
vista do alçado do lote ni01 e ni02

28 / 86

cortes do lote ni01 e ni02
1/750

sendo dois edificios diferentes, o desenho do seu alçado também acaba por se comportar de maneira diferente. a cara do edifício no lote ni01 é desenhada em continuidade com o perfil da rua, sendo mais leve no vértice solto, de modo a rematar o canto e como marcação da entrada. a marcação das linhas horizontais é essencial para agarrar esta forma e atenuar a sensação de altura que o edifício tem, sendo a frente e as traseiras muito diferentes; quando o edifício recorta para as traseiras, a cor do azulejo muda.

no lote ni02, tentei puxar as linhas verticalmente, tendo a entrada mais recuada à esquerda. para tentar trazer o máximo de iluminação, como no lote de cima, desenho as janelas mais verticais. outra questão importante foi trazer esta transversalidade dentro dos fogos entre a frente e o logradouro.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente
iscte 01.24 a 02.24

vista do logradouro do lote ni01

29 / 86

planta do piso térreo do lote ni01

1/800

planta do estacionamento

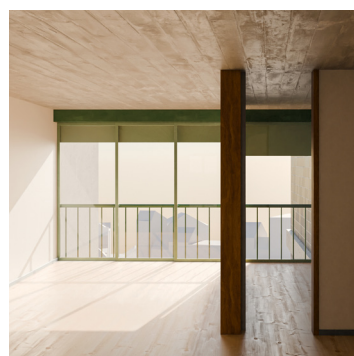
1/800



vamos continuar a falar mais sobre o lote ni01. o edifício apresenta-se muito imponente no alçado tardoz, podendo ser dividida a leitura em três momentos. o primeiro momento, mais abaixo, tem uma ligação muito direta com o logradouro, sendo aberto e acessível sobre o mesmo. os dois pisos superiores representam as garagens, que possuem ventilação natural e vista também sobre o jardim.

por último, nos pisos superiores, para se obter o máximo de iluminação nas tipologias, avanço o edifício sobre as traseiras, ganhando assim uma forma recortada que circunda a oliveira. no piso térreo, a presença da área comercial virada para a rua é destacada, juntamente com um espaço de condomínio e um escritório virado para as traseiras.

a cave destina-se ao estacionamento de automóveis e bicicletas, bem como a espaços de arrumos, com acesso por elevador.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente
iscte 01.24 a 02.24

vistas do interior dos fogos

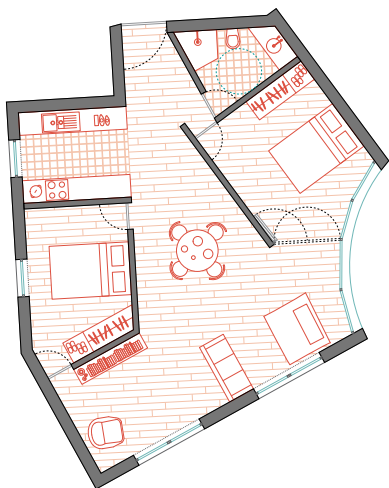
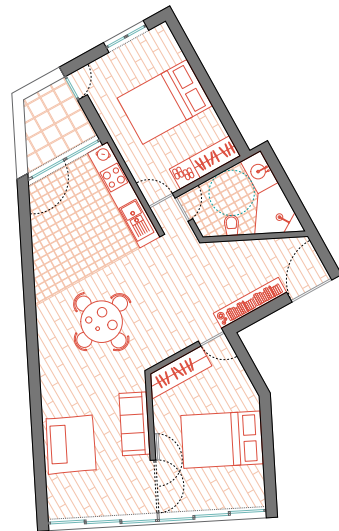
30 / 86

planta do piso tipo
1/200



a forma diferente do lote ni01 segue uma ordem bem definida, onde as linhas do perímetro foram utilizadas como base, desenhando apenas linhas perpendiculares ou paralelas às mesmas, com a exceção da curva que existe para circundar a oliveira. esta abordagem contribui para uma organização clara do espaço.

todas as cozinhas estão diretamente ligadas aos espaços sociais. a transversalidade do projeto, que permite a circulação em torno da casa, foi um fator considerado durante o desenho da planta, proporcionando uma experiência mais integrada aos residentes.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente
iscte 01.24 a 02.24

vista do interior do fogo ni01

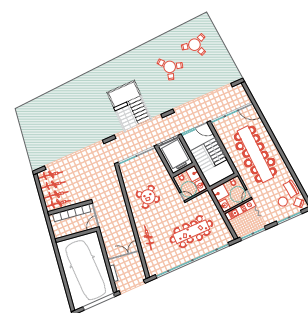
31 / 86

plantas das tipologias t2
1/200



falemos exclusivamente das tipologias. são nove unidades residenciais: três t2 por piso, exceto o recuado, que tem dois t1 e um t2. todos os fogos têm dupla orientação; a área de refeição e de estar são espaços de transição e evitam o “efeito túnel” dos corredores recorrentes. os quartos estão em torno deste espaço para permitir uma interação mais direta.

o piso da casa é um soalho de madeira, para ser mais confortável, com exceção das casas de banho e da cozinha, que têm ladrilho para definir a sua área e ser mais fácil de limpar. o teto é em betão à vista, para contrastar com o chão e as paredes brancas.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente
iscte 01.24 a 02.24

vista do logradouro do lote ni02

planta do piso térreo

1/800

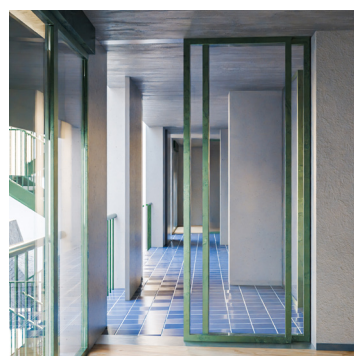
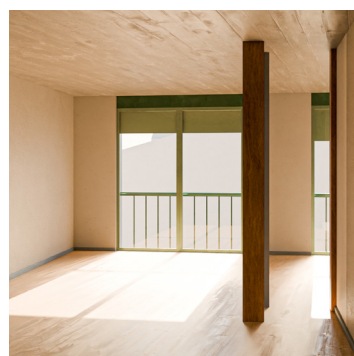
planta do estacionamento

1/800



32 / 86

no lote ni02, a organização é similar ao ni01, com um piso térreo contendo uma área comercial, um espaço partilhado, quatro pisos de habitação e dois pisos subterrâneos destinados ao estacionamento, arrumos e áreas técnicas. mantém-se a questão da transversalidade entre a frente e o logradouro; a disposição funcional segue os mesmos princípios do lote ni01. este tardo, sendo mais apertado, vive da relação com a estrutura metálica leve que serve como ligação vertical entre os pisos.



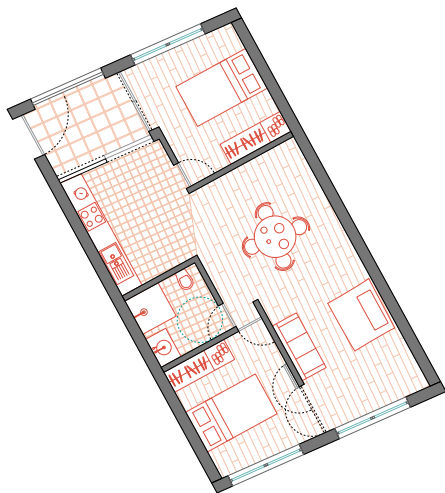
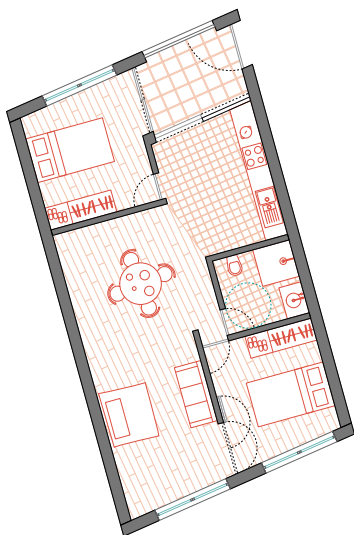
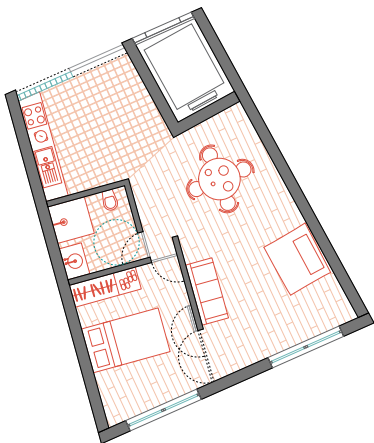
concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente
iscte 01.24 a 02.24

planta do piso tipo
1/200
vistas do interior dos fogos



33 / 86

o desenho de todos os andares parte do piso tipo; a transversalidade continua a ser a coisa mais importante e, desta vez, em vez de linear, é cruzada, tendo ao centro o espaço de refeição e, em pontas opostas, a cozinha e a sala ou os quartos. o momento de entrada é diferente do normal, sendo o acesso uma galeria. quando se entra nas tipologias t2, é através da varanda do tardo, podendo entrar diretamente na cozinha ou no quarto; mais uma vez, o andar à volta da casa é importante.



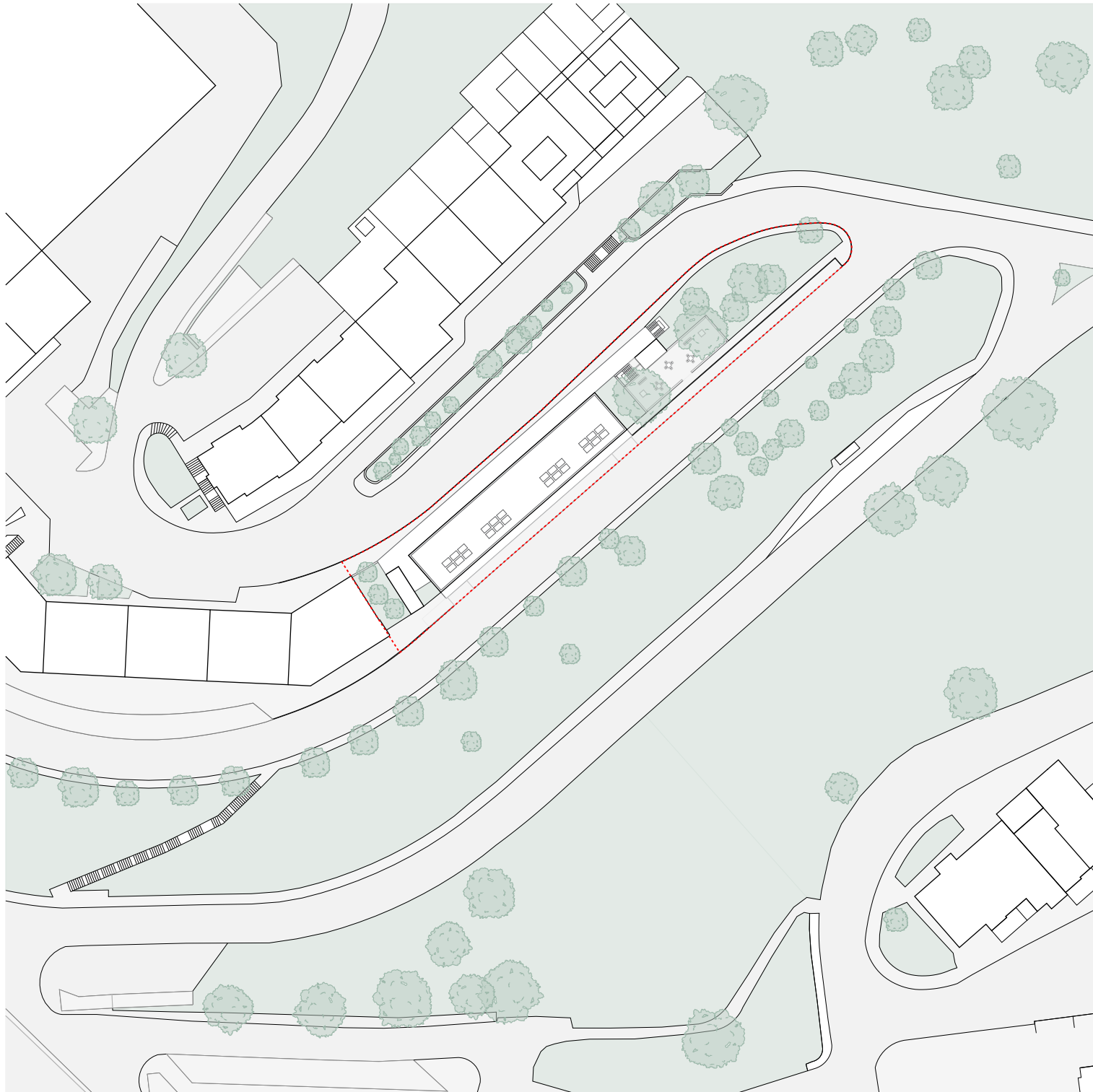
concurso de conceção para a
elaboração do projeto edifícios de
habitação na rua de santa engrácia e
rua da bela vista à graça, na freguesia
de são vicente
iscte 01.24 a 02.24

vista do interior do fogo ni02

planta da tipologia t1
1/200
plantas das tipologias t2
1/200



estas tipologias apresentam uma disposição diferente do lote anterior, com dois apartamentos t2 e um t1 em cada piso, exceto no recuado, onde existem três t1, sendo no total 12 unidades residenciais. todos os fogos têm dupla orientação cruzada; a área de refeição está ao centro e funciona como espaço de transição entre o espaço de estar, cozinha e quartos. a materialidade destes fogos segue exatamente a mesma ideia que o lote ni01. este concurso foi, sem dúvida, o mais desgastante; vivi arquitetura noite e dia, horas e horas a trabalhar para conseguir resolver as ideias e dominar o programa de forma a conseguir libertar-me dele. talvez tenha sido dos concursos que aprendi mais e demonstrou fortes indícios de que melhores resultados estão para vir.



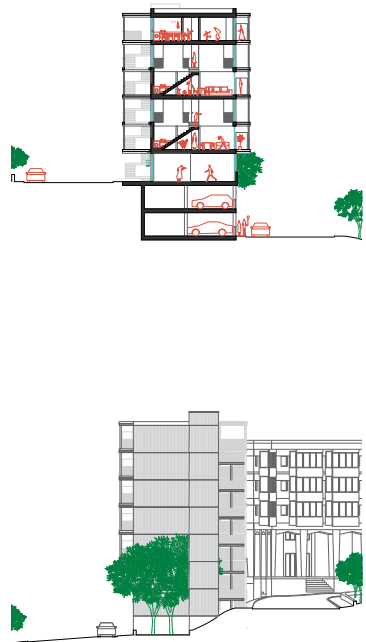
concurso de conceção para a
elaboração do projeto de um edifício
de habitação e requalificação da
área envolvente na rua da quinta das
lavadeiras na freguesia de santa clara
iscte 02.24 a 03.24

planta de implantação
1/1000



36 / 86

vamos ao último concurso individual. depois de um concurso anterior extremamente desgastante, tendo o mesmo programa, habitação coletiva, estamos mais do que preparados para fazer um bom trabalho. contrariamente ao anterior, este concurso era mais simples e, sendo o terreno uma tira comprida, dava mais liberdade criativa para desenhar as tipologias e os seus acessos. o acesso mais generoso e festivo é em galeria; foi em busca da forma mais eficiente de encaixar o número de fogos num só edifício e que tirasse o máximo partido desta galeria que optei por fazer nove apartamentos t2 em duplex por quatro pisos, com exceção dos quatro t3 que coroam o topo do edifício, totalizando um total de 23 fogos.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto de um edifício
de habitação e requalificação da
área envolvente na rua da quinta das
lavadeiras na freguesia de santa clara
iscte 02.24 a 03.24

vista sul

37 / 86

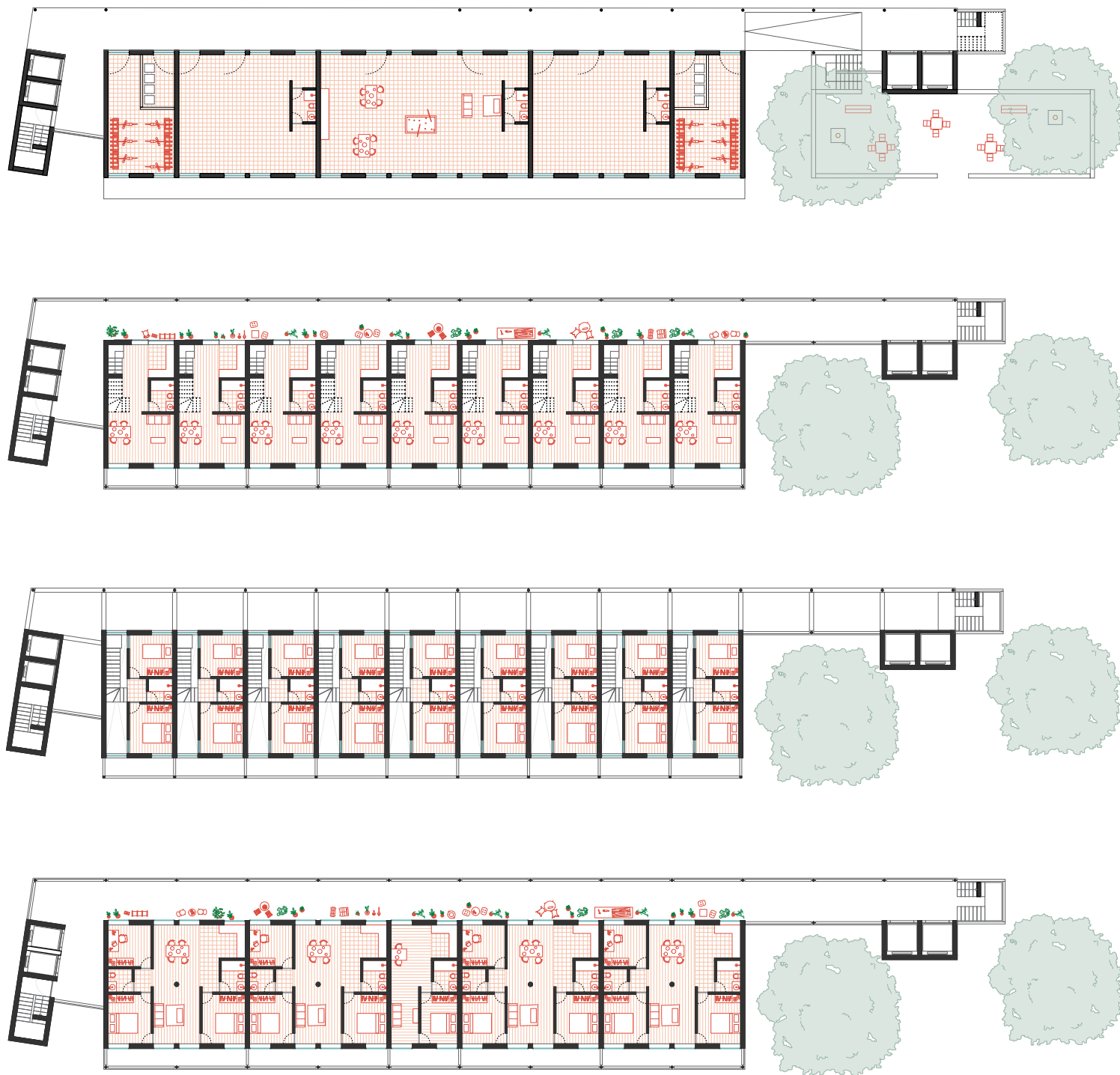
corte transversal

perfil nascente

1/800



uma das condicionantes era um redesenho de um parque de merendas e árvores que também não se podiam tocar. tendo isto em conta, o edifício posiciona-se entre essas árvores que não se podem tocar e um volume vertical emerge no meio das árvores do parque de merendas, funcionando como um acesso à tal galeria. as chapas metálicas refletem o verde das árvores e tornam este volume com elevadores encerrados num elemento ligeiramente mais leve. o vermelho ganha destaque nas varandas e na galeria, representando um andaime agarrado ao edifício.



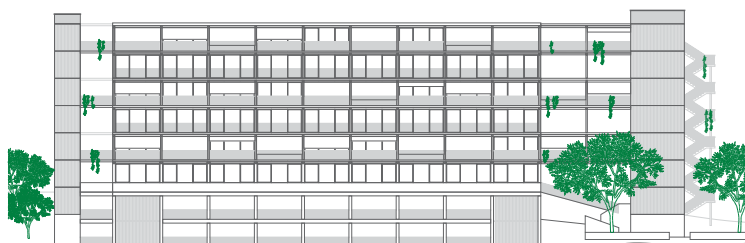
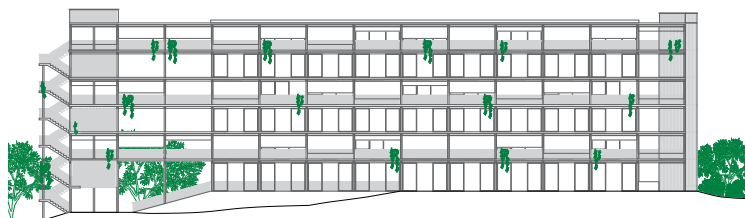
concurso de conceção para a
elaboração do projeto de um edifício
de habitação e requalificação da
área envolvente na rua da quinta das
lavadeiras na freguesia de santa clara
iscte 02.24 a 03.24

planta piso 0
1/400
planta piso 1 e 3
1/400
planta piso 2 e 4
1/400
planta piso 5
1/400



38 / 86

o piso térreo apresenta duas entradas: a mais a nascente, com um acesso a uma cota mais baixa, facilitando o acesso a quem vem da rua cidade de tomar, e uma mais alta que facilita o acesso pela rua de cima. adicionalmente, as entradas são abrigadas pela galeria; as diferenças de nível são resolvidas no desenho do piso térreo, evitando desníveis evidentes na leitura do edifício. encontramos um piso térreo com uma área comercial e um espaço partilhado, cinco pisos de habitação, incluindo o aproveitamento do sótão como área habitável, e dois pisos semi-subterrâneos destinados ao estacionamento e áreas técnicas.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto de um edifício
de habitação e requalificação da
área envolvente na rua da quinta das
lavadeiras na freguesia de santa clara
iscte 02.24 a 03.24

vista do norte

39 / 86

perfil da rua quinta das lavadeiras
1/800
perfil da rua cidade de tomar
1/800

assim percebemos como se resolve a diferença de cotas: a estrutura da galeria agarra as escadas e, seguindo uma métrica de cinco metros em cinco metros, é feito o desenho do alçado. os dois pisos semienterrados, com o material mais pesado, betão, servem como base onde se pousa esta estrutura.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto de um edifício
de habitação e requalificação da
área envolvente na rua da quinta das
lavadeiras na freguesia de santa clara
iscte 02.24 a 03.24

vista da galeria de circulação

40 / 86

uma galeria de sonho. é nela que podemos tomar um pequeno-almoço, ler um livro ou ficar à conversa com o vizinho; é verdadeiramente um espaço de comunidade. com uma dimensão muito generosa, delimitada virtualmente pela estrutura, e com as cortinas, conseguimos ganhar ainda mais privacidade e tornar cada secção da galeria como parte da respetiva casa.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto de um edifício
de habitação e requalificação da
área envolvente na rua da quinta das
lavadeiras na freguesia de santa clara
iscte 02.24 a 03.24

corte construtivo

41 / 86

plantas piso tipo t3

planta piso tipo duplex



para este concurso, decidi experimentar uma nova forma de representar as tipologias e o corte construtivo, uma fusão entre o desenho 2d e o render. são desenhos que falam de escala, proporção e materialidade. os apartamentos têm dupla orientação. no primeiro piso do duplex, estão os programas sociais; ao entrar pela cozinha, temos ao fundo a sala de estar e, no meio, o bloco da casa de banho, que se mantém no mesmo sítio em todos os pisos. no segundo piso, estão os quartos que, através de uma janela, conseguem comunicar com o piso de baixo; assim, este duplex, aparentemente curto, ainda se aproveita de um pé direito duplo. nas tipologias t3, os espaços menos privados, como a cozinha, espaço de comer e um quarto/escritório, estão virados para a galeria, enquanto a sala de estar e os dois quartos principais estão virados para a varanda a sul. a área de refeições e a sala são concebidas como espaços de transição; os quartos estão posicionados em torno desses espaços, o que permite diferentes interações e apropriações.



concurso de conceção para a
elaboração do projeto de um edifício
de habitação e requalificação da
área envolvente na rua da quinta das
lavadeiras na freguesia de santa clara
iscte 02.24 a 03.24

vista sala do interior do fogo

42 / 86

temos de lutar contra a importância que as entidades dos concursos dão aos renders, mas o render em si não é o problema. o render, mais do que uma imagem bonita, tem de contar uma história: como se habita este espaço, como se suja este espaço. é preciso aprender a usar esta ferramenta com maestria para conseguir mostrar ainda melhor a imagem que idealizamos na nossa cabeça.

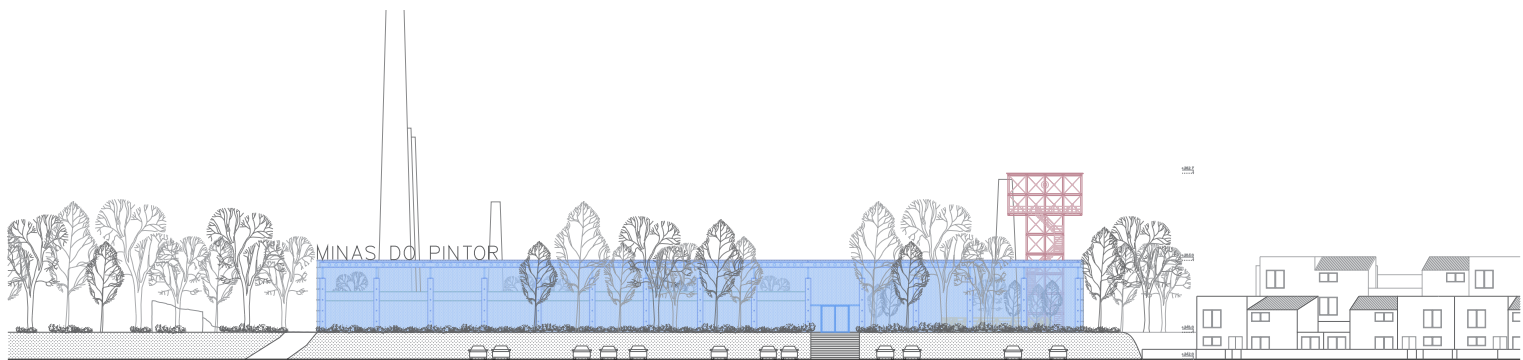


concurso de conceção para a
elaboração do projeto de um edifício
de habitação e requalificação da
área envolvente na rua da quinta das
lavadeiras na freguesia de santa clara
iscte 02.24 a 03.24

vista sala do interior do fogo

43 / 86

este concurso deixou um sabor agridoce. apesar de graficamente ter atingido um ponto que considero bastante forte e de cada elemento ter sido tratado com carinho e cumprir a sua função, a tipologia em si não é algo novo. podia ter sido mais desenvolvida; o foco desviou-se para o desenho da galeria em si e do invólucro exterior. não digo que estejam mal desenhados, mas, enquanto projeto académico, poderia ter sido mais arriscado. contudo, ainda há mais balas no cartucho, carregadas e prontas para serem disparadas.



concurso de conceção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pintor

daniel anjos

inês montês

josé santos

iscte 04.24 - 05.24

planta de implantação

1/400

alçado da rua de rebelães

1/400

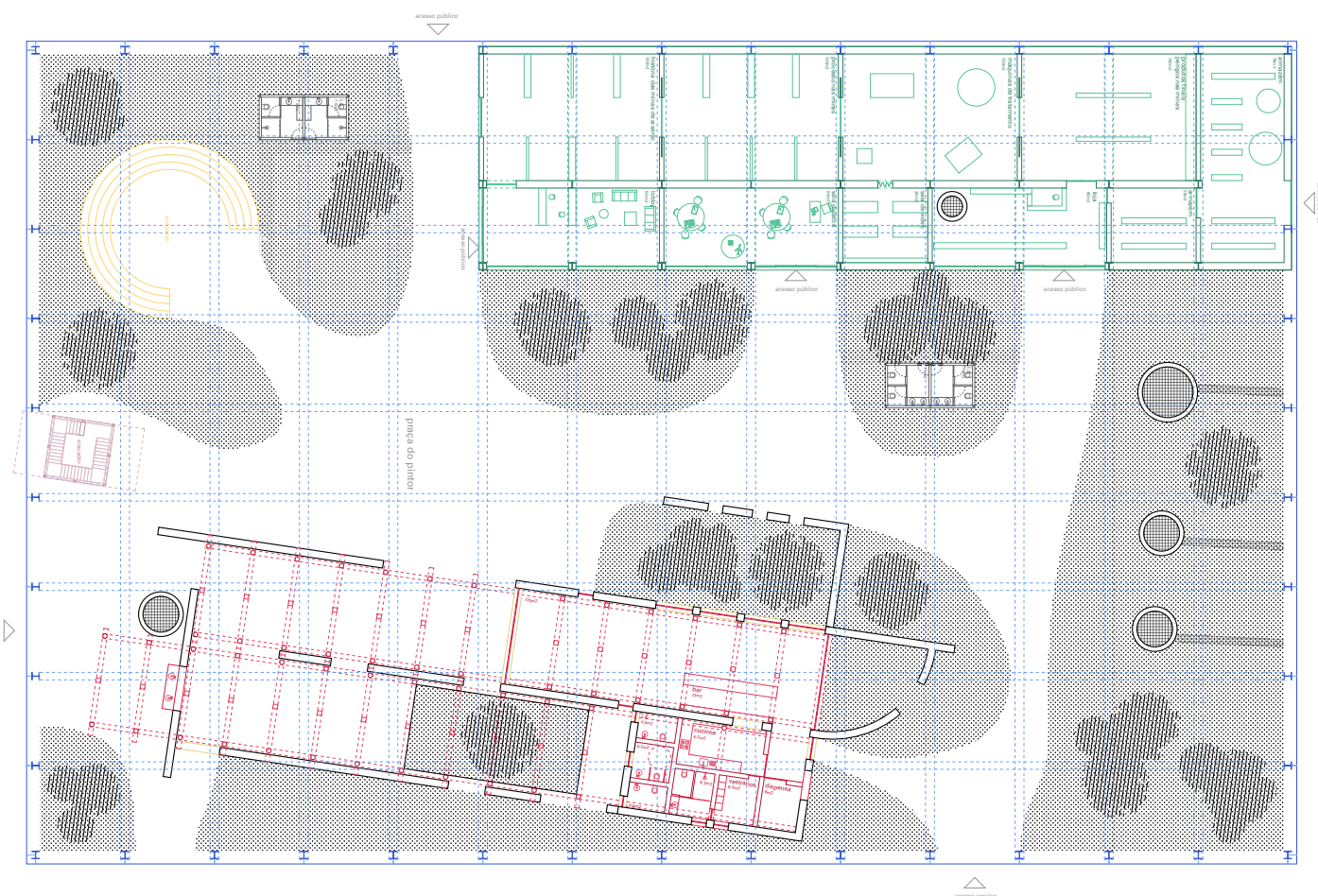
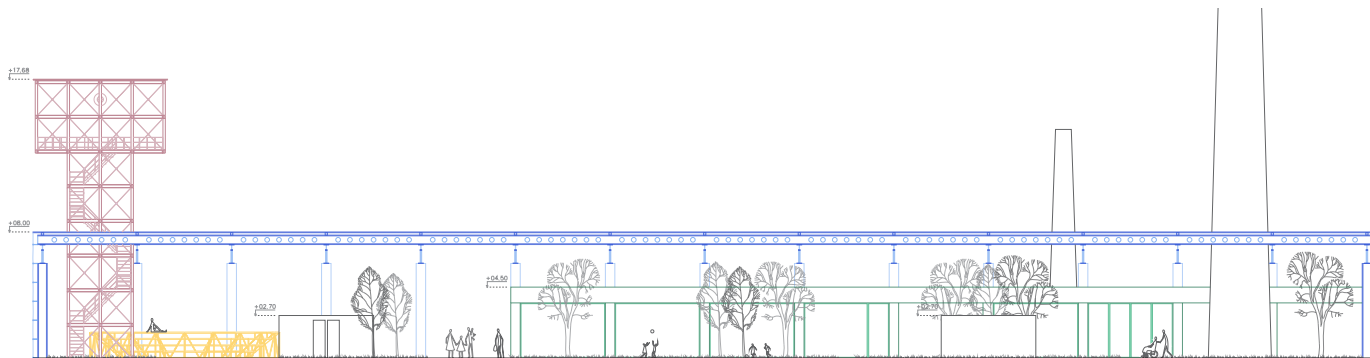


45 / 86

chegou o momento, o último concurso. e desta vez em grupos de três, número perfeito. tive finalmente a oportunidade de trabalhar com dois colegas com quem me identifico. desde o início, estava confiante de que tanto o processo quanto o resultado iam ser fantásticos. as discussões foram fervorosas, daquelas que dão prazer ter, tudo em busca de fazer boa arquitetura.

o enunciado era perfeito: um centro cultural das minas do pintor, ou seja, um projeto que tinha potencial para revitalizar e vir a ser a cara deste local.

por último, foi-nos dada uma condição por parte dos docentes: cada grupo tinha de usar um material diferente. nós ficamos com o aço; melhor material não podíamos pedir.



concurso de conceção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pintor
daniel anjos
inês montês
jósé santos
iscte 04.24 - 05.24

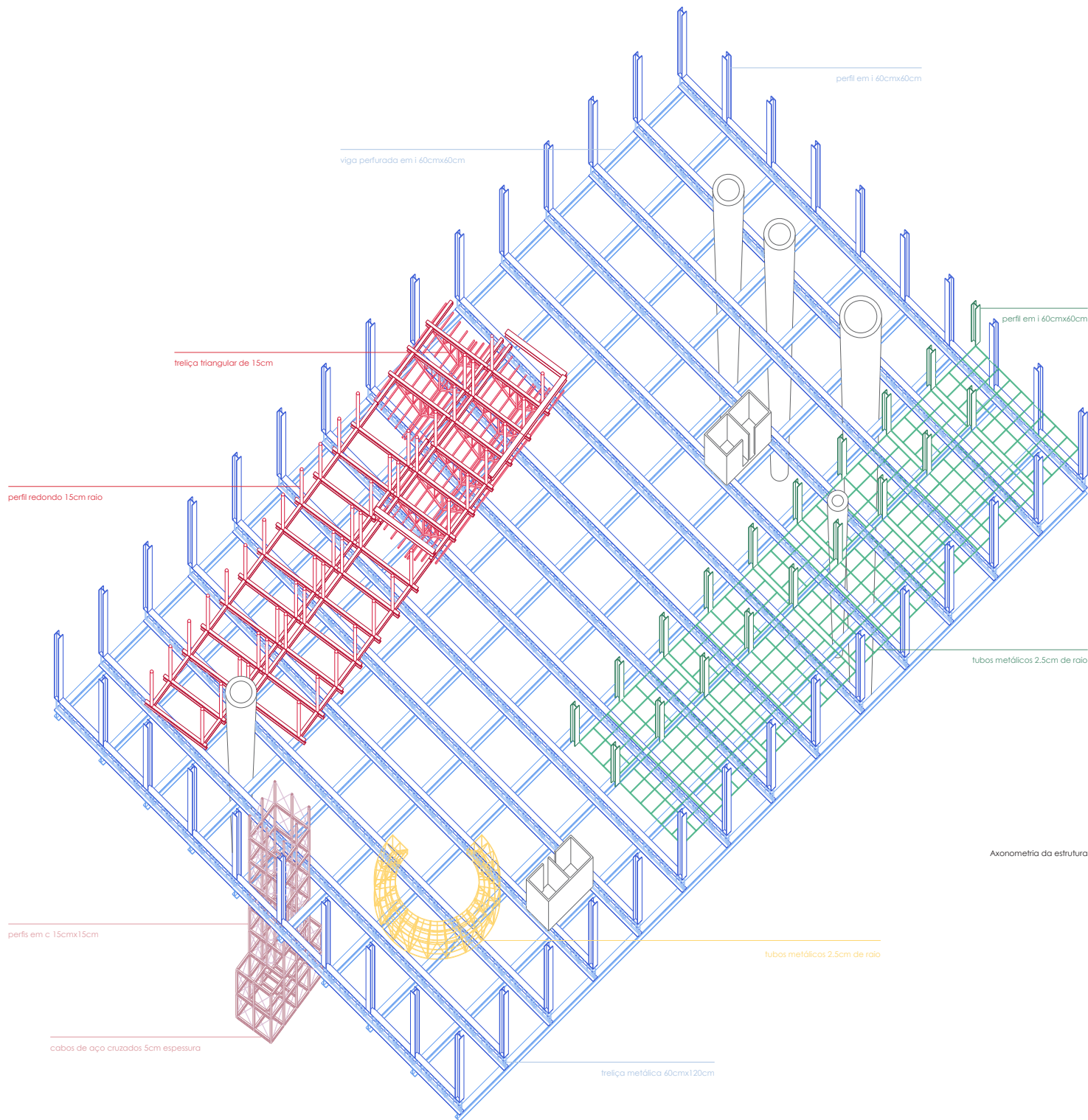
planta geral
1/400
corte longitudinal
1/400



46 / 86

tendo em mente a ideia que surgiu durante o projeto de fazer um complexo que marcasse o local e pudesse albergar uma série de eventos enquanto cumpria o programa, propomos uma big box que abraça todo o programa (anfiteatro, café, museu e a reinterpretação da torre do elevador), assim como as ruínas e as chaminés.

o museu, sendo o novo edifício, agarra-se a esta igualmente nova estrutura; o programa do café vive em correlação com as ruínas de um dos edifícios das minas. a torre do elevador marca uma das entradas adjacentes ao anfiteatro, e todos estes programas se juntam em torno de uma grande praça, tendo sempre presente as três chaminés ao fundo.

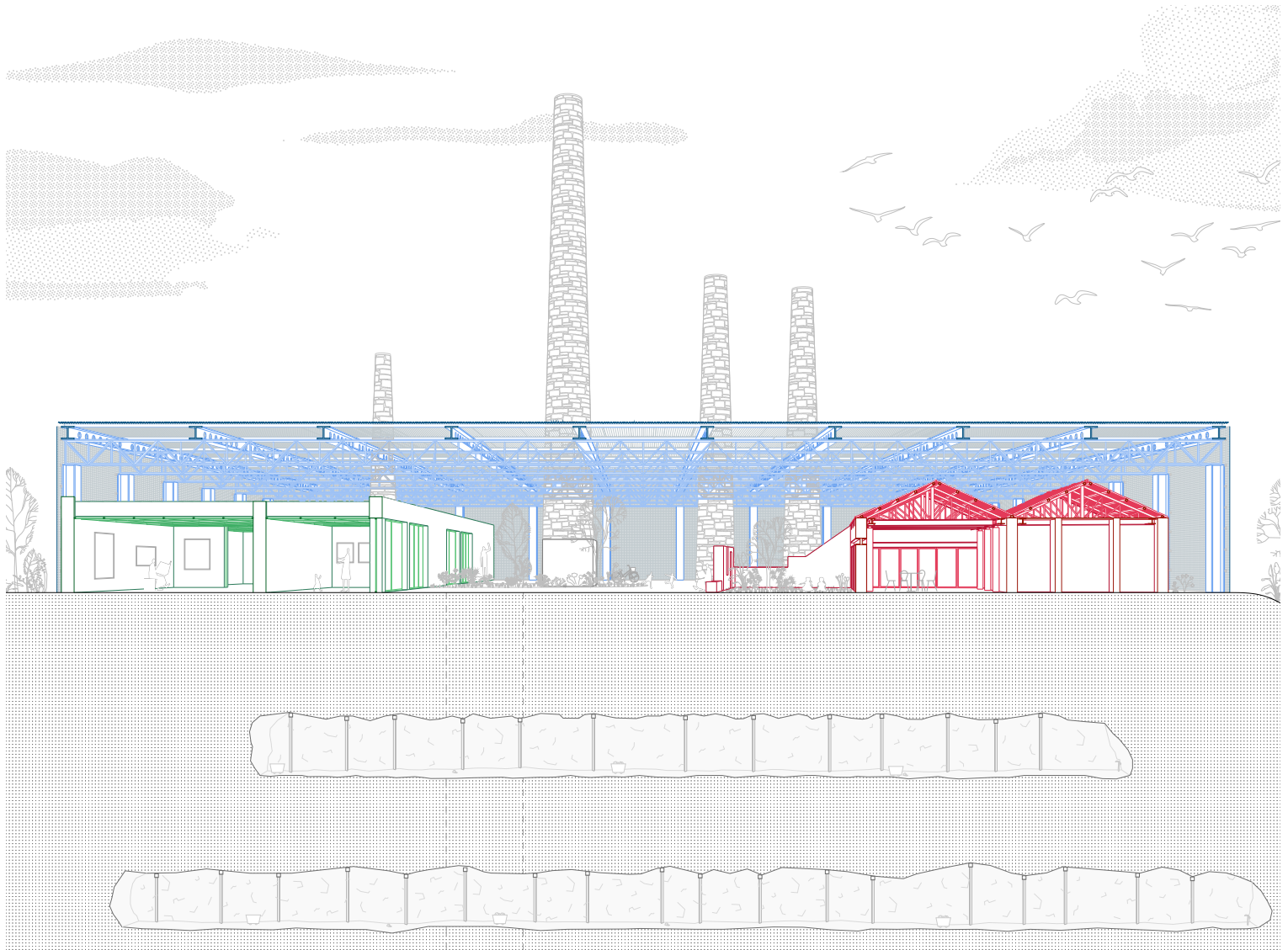


concurso de conceção para a criação
 do centro interpretativo das minas do
 pintor
 daniel anjos
 inês montês
 josé santos
 iscte 04.24 - 05.24

axonometria da estrutura

47 / 86

tiramos ao máximo a oportunidade que tivemos com este material. esta big box
 só podia ser feita de aço; estas grandes vigas, inspiradas na escola de chicago do
 arquiteto mies van der rohe, encaixam sobre grandes perfis metálicos. pousado
 sobre este encaixe, temos uma malha metálica que permite que haja ventilação
 natural, mas que mantém o perímetro bem delimitado e protegido.



concurso de conceção para a criação
do centro interpretativo das minas do

pintor

daniel anjos

inês montês

josé santos

iscte 04.24 - 05.24

corte perspectivado do interior do
complexo

48 / 86

algo muito importante eram estas chaminés das antigas minas, um objeto por si só muito imponente e que já era o marco deste local. sendo uma pré-existência e tendo a importância que possui, é o único elemento que rompe a big box, e junto dela e da torre, negociam o protagonismo de forma amigável.



concurso de concepção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pintor
daniel anjos
inês montês
jósé santos
iscte 04.24 - 05.24

imagem da entrada do complexo a
partir da urbanização

49 / 86

esta imagem fala sobre amizade. na porta de entrada do complexo, somos recebidos pelos irmãos mais altos: o elevador, com um desenho leve e elegante, que serve como miradouro sobre a big box e a paisagem, além das imponentes ruínas da chaminé. é nesta imagem que também conseguimos observar o aspecto transparente desta malha metálica.



concurso de concepção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pintor
daniel anjos
inês montês
jósé santos
iscte 04.24 - 05.24

imagem do interior do complexo

50 / 86

o interior da caixa funciona como o exterior; apesar de coberto, mantém a
vegetação e o pavimento. conseguimos observar a grande praça, que, por estar
dentro deste espaço coberto, pode servir inúmeras funções ao longo do ano, faça
chuva ou faça sol. a imponência destas vigas e treliças é inegável.



concurso de conceção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pintor
daniel anjos
inês montês
josé santos
iscte 04.24 - 05.24

imagem do interior do café

51 / 86

o café é tratado com delicadeza, sendo a única construção diretamente ligada a uma ruína. tivemos imenso cuidado. mantivemos as paredes de pedra e adicionamos uma nova estrutura descolada que agarra uma nova cobertura. todos os elementos são pintados de cores diferentes para facilitar a sua leitura. é um local nostálgico, onde, com a presença da ruína e o redesenho da cobertura, podemos sentir como outrora foi este edifício.



concurso de conceção para a criação
do centro interpretativo das minas do
pintor

daniel anjos

inês montês

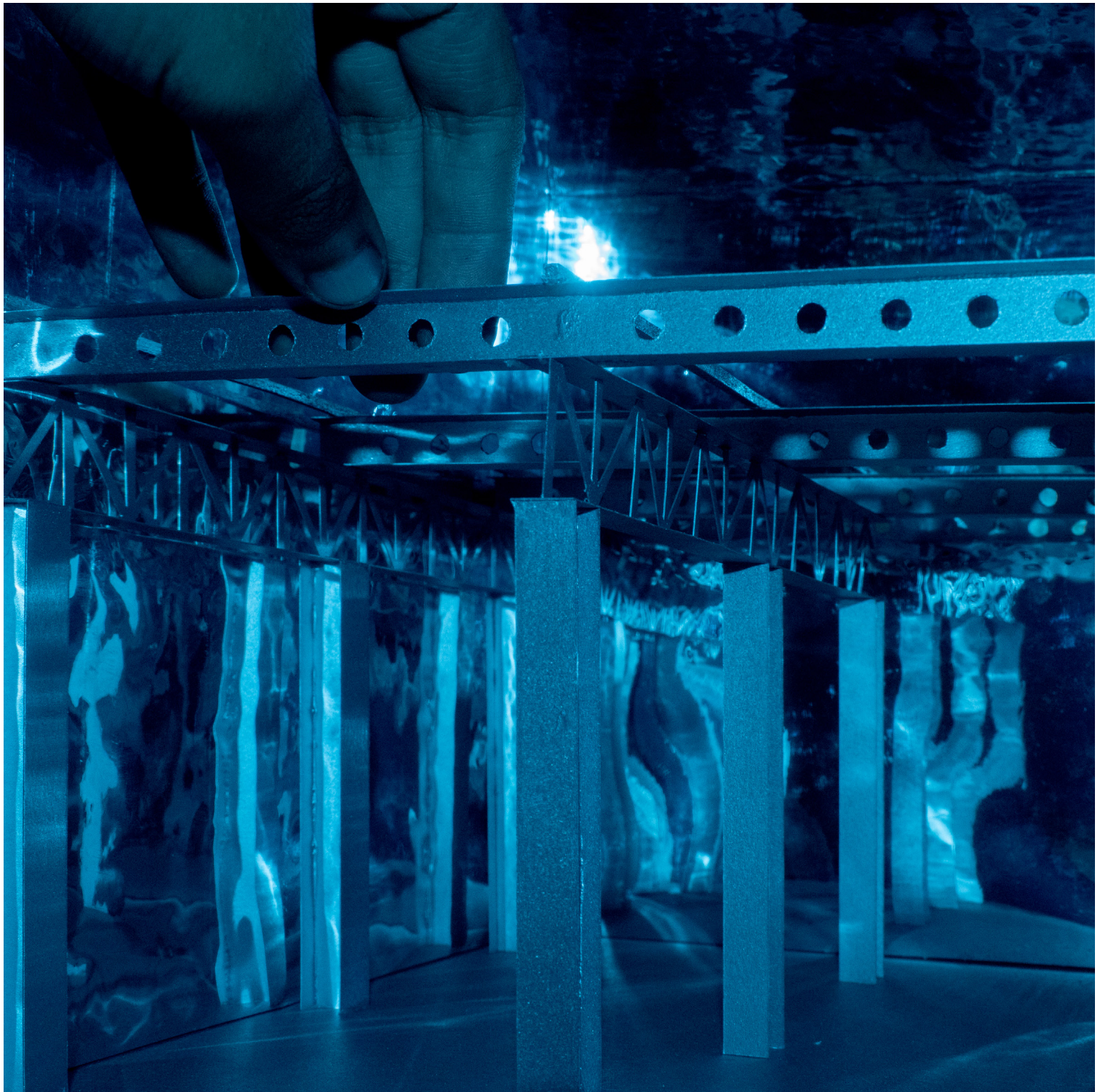
josé santos

iscte 04.24 - 05.24

imagem do interior do museu

52 / 86

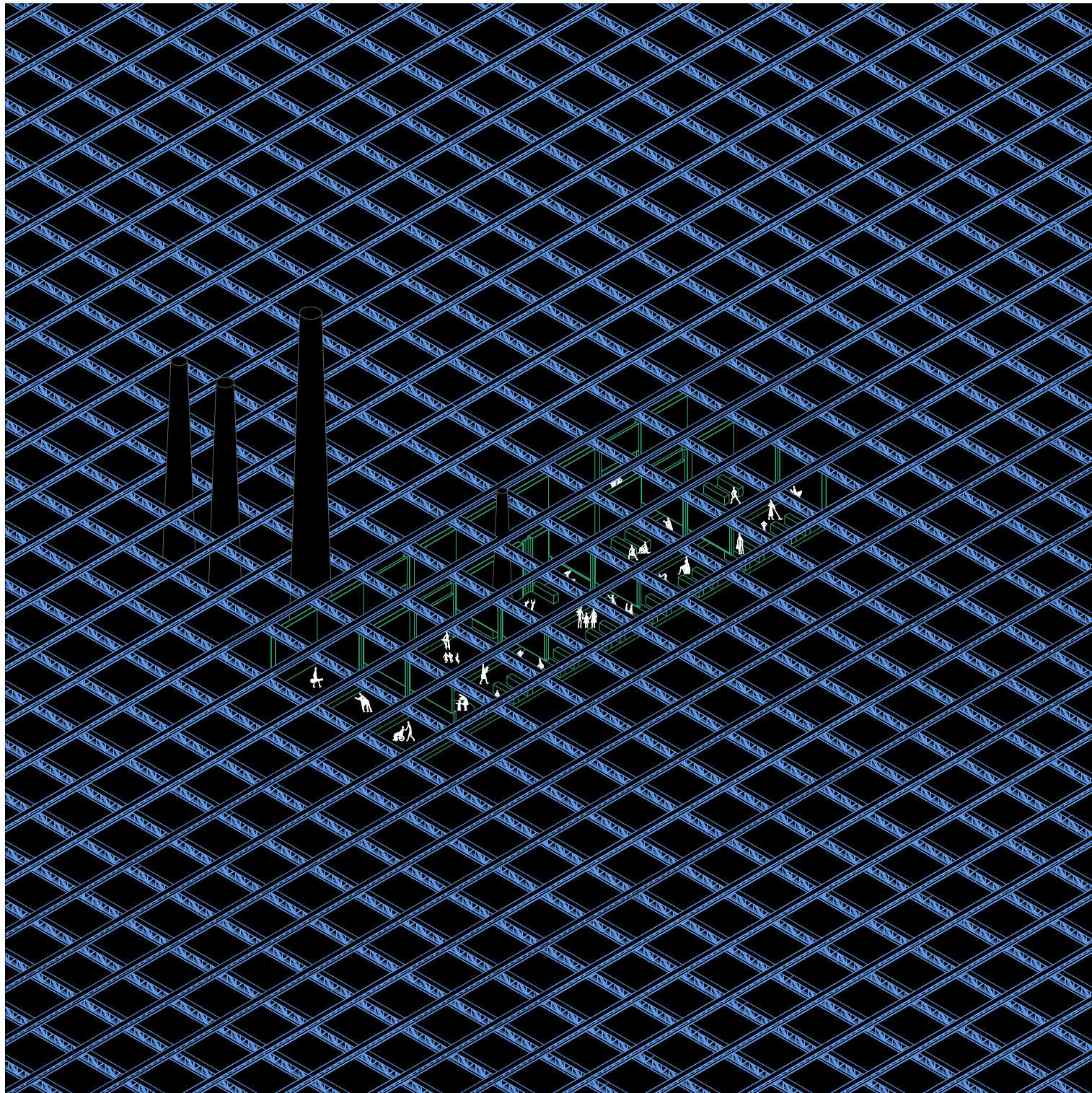
o museu cumpre o seu propósito enquanto sítio de memória. tanto no desenho do pavimento como no da cobertura, é enaltecida esta grelha que se sente no exterior. foi, sem dúvida, o concurso que mais me deu gozo fazer; tudo pareceu fácil e simples. a comunicação foi impecável e, mesmo tendo opiniões diferentes, senti que estávamos todos na mesma frequência. viva cof studio.



para fechar um ano de muito trabalho e experimentação, fizemos um último salto. este último salto consistia na escolha de um dos edifícios do projeto anterior e, através de uma imagem de maquete, um desenho 2d, uma axonometria e uma imagem, levar esse edifício ao limite do seu conceito e, com cada desenho, contar partes diferentes da história, estando sempre de mãos dadas o conceito e a representação.

o 'big boy' nasce da ideia da mudança drástica sobre um lugar. tal como a bomba atômica 'little boy' traçou uma linha de mudança durante a segunda guerra mundial, este projeto é a nova cara deste sítio que outrora foi contaminado pelas minas de extração de arsénio. o projeto é uma superestrutura, mais forte do que tudo; com elementos metálicos pré-fabricados, conseguimos levantar o 'big boy' e, através desta imagem, observar como é que ele se mantém de pé.

mas acabou por ser uma competição com nós próprios, isto porque este último projeto é, na verdade, uma extensão do anterior. foi-nos proposto escolher um dos momentos do projeto anterior, tratá-lo apenas em quatro elementos que o representam e elevá-lo a outro patamar. no meu caso, levei esta última condição à letra.





the last jump
iscte 05.24 - 06.24

imagem

57 / 86

a imagem permite-nos imaginar como se vive este espaço. mesmo estando do lado de dentro do museu, a superestrutura está sempre presente, seja visualmente ou pelo que ela representa. a repetição rígida aparece em todos os elementos, sejam eles ladrilhos, iluminação, portais ou a cobertura. neste exercício, tentei arriscar numa ideia: mais do que uma superestrutura, eu vi o big boy como um vírus, com plena noção de que o que estava a propor não era um projeto palpável de ser construído, e sim uma ideia. uma ideia de que a arquitetura consegue invadir um lugar sem limites, limites esses muitas vezes definidos por legislações, clientes e construtores. muitas vezes, temos de nos restringir a vários fatores, e porque não pensar como seria se isso não fosse sempre assim? mesmo não estando completamente ciente e satisfeito com o resultado, o big boy foi o gatilho de algo que ainda não sei o que é, mas estou a tentar descobrir.



wie wohnen? sie wohnung (how should we live? the dwelling)
willi baumeister, 1927

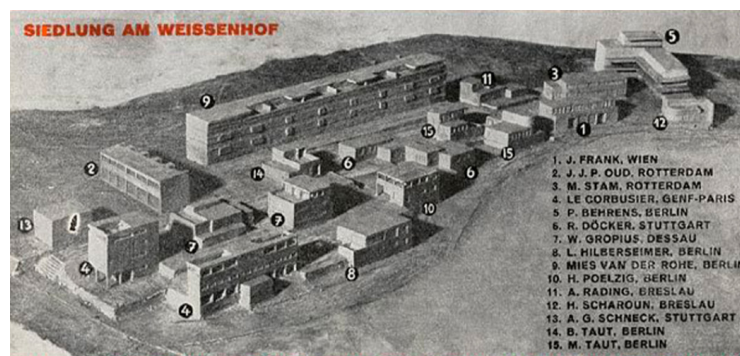
a relevância do concurso para o
desenho da habitação.

59 / 86

o desenho da habitação, por tradição, resiste à mudança. financiadores e promotores preferem manter o status quo, evitando o risco de inovação. esta relutância em explorar novas formas de habitar reflete-se nos concursos de arquitetura, que muitas vezes continuam a premiar propostas conservadoras, com plantas semelhantes às do passado, sem reconhecer a evolução das necessidades contemporâneas.

o espaço doméstico não reflecte as mudanças que sofremos, desde as diferentes estruturas familiares e o envelhecimento da população até à imigração e ao multiculturalismo. em contrapartida, países como a suíça e a Bélgica utilizam os concursos como plataformas de inovação, apostando em juris com experiência relevante e numa visão que abraça o futuro.

precisamos de visitar o modo como desenhamos a habitação, olhar para exemplos internacionais que já fizeram essa transição e adaptar os nossos concursos para que reflitam o mundo em que vivemos. esta tese propõe-se a explorar momentos em que tais mudanças aconteceram, avaliar o nosso contexto atual e sugerir novas abordagens para concursos de arquitetura, de forma a impulsionar uma transformação verdadeira no desenho habitacional em Portugal. precisamos, mais do que nunca, de uma nova rutura.



weissenhof settlement, stuttgart
mies van der rohe, 1925–27

modelo weissenhofsiedlung, stuttgart
kees sommer, 1927

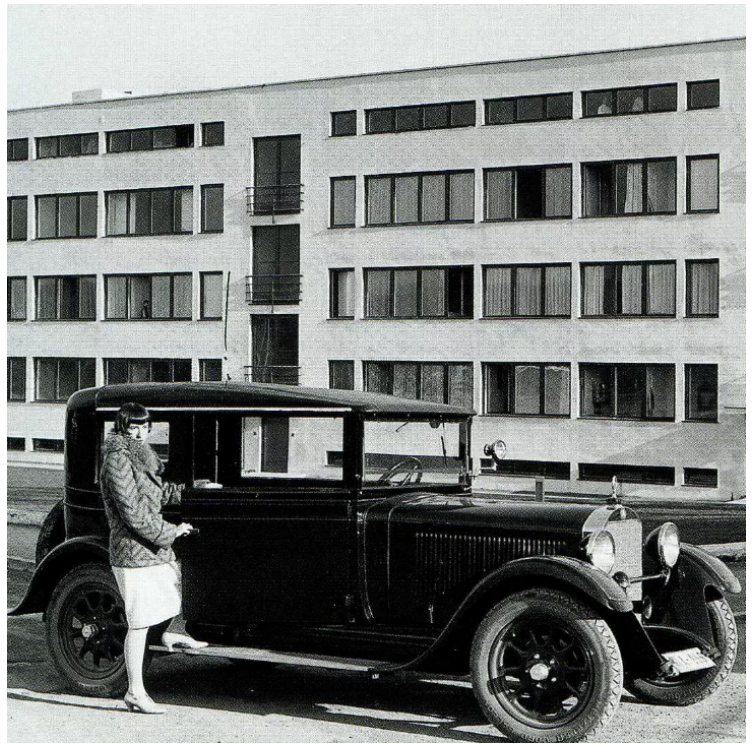
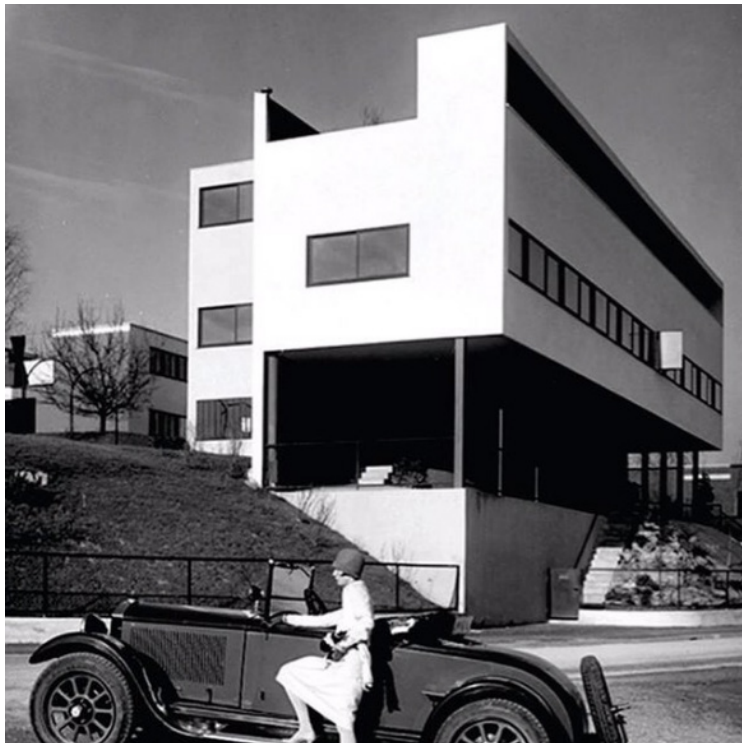
exposição weissenhof

60 / 86

para se chegar a uma nova proposta é preciso olhar para o que já se fez de bom no passado.

a exposição weissenhof, em 1927, é um dos momentos em que o traço rompeu com o passado e desenhou uma linha reta para o futuro. não foi apenas uma exibição de edifícios, mas uma declaração sobre como habitamos o mundo. stuttgart, devastada pelas ondas de mudanças sociais e econômicas, viu naquela exposição uma oportunidade de reescrever a forma como se desenhavam as habitações.

até então, o desenho das casas parecia não acompanhar a vida. a sociedade pós-guerra exigia algo novo, algo que se afastasse das amarras do passado. era um tempo de cidades que cresciam sem limites, de indústrias que engoliam os campos e de pessoas que, amontoadas em condições precárias, ansiavam por uma nova forma de morar. a resposta, no entanto, não estava nas fachadas ornamentadas ou nos palácios de tijolo e cal, estava sim nos princípios da modernidade que a exposição weissenhof pretendia revelar. a funcionalidade passou a ser o foco, promovendo a criação de espaços abertos, a maximização da luz natural e o abandono de decorações ditas desnecessárias. cada edifício apresentado era mais do que uma simples estrutura; era uma proposta adaptada às novas necessidades da sociedade em rápida transformação.



weissenhof-siedlung houses, stuttgart
le corbusier, 1927

weissenhof apartment house, stuttgart
mies van der rohe, 1927

scharoun house, stuttgart
hans scharoun, 1927

terraced houses, stuttgart
j. j. p. oud, 1927

exposição weissenhof

61 / 86

tendo mies van der rohe como diretor, reuniu alguns dos maiores nomes da arquitetura moderna, como le corbusier, walter gropius, bruno taut e hans scharoun, e que, ao lado de outros, desenharam edifícios que desafiavam as convenções. a diversidade de tipologias habitacionais apresentadas, desde casas unifamiliares até edifícios multifamiliares, não só refletia diferentes abordagens de convivência, mas também respondia a novas dinâmicas sociais. a habitação, antes vista de forma rígida e convencional, passou a ser pensada como um espaço flexível, funcional e mais acessível.

outro aspecto marcante foi o ênfase na relação entre a habitação e o ambiente circundante. os arquitetos não se preocuparam apenas com o interior dos edifícios, mas também com a forma como esses espaços interagiam com o espaço público e a natureza. houve um esforço consciente para promover essa integração, algo essencial num novo mundo urbano em crescimento acelerado. assim, a exposição weissenhof não foi apenas um marco na história da arquitetura moderna, foi um ponto de viragem, onde o desenho da habitação deixou de ser apenas uma questão de forma e se tornou um diálogo entre função, estética e a busca por uma vida mais digna e humana.



álvaro siza e torres nos trabalhos de levantamento do terreno para a construção da primeira fase, sr.ª das dores, em s. victor
arquivo moma

manifestação contra a lei das ocupações, zona da arrábida, percurso até ao centro
alexandre alves costa, 1975

manifestação centro do porto
clara pimenta do vale, 1975

filme "as operações saal"
joão dias, 2007

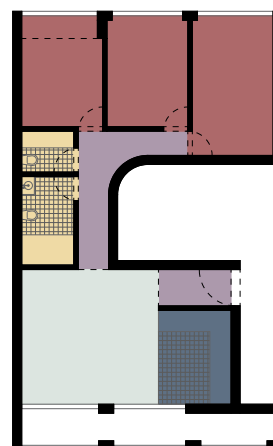
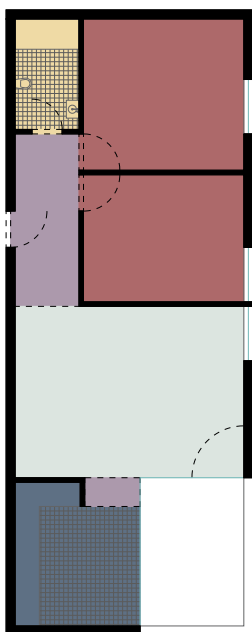
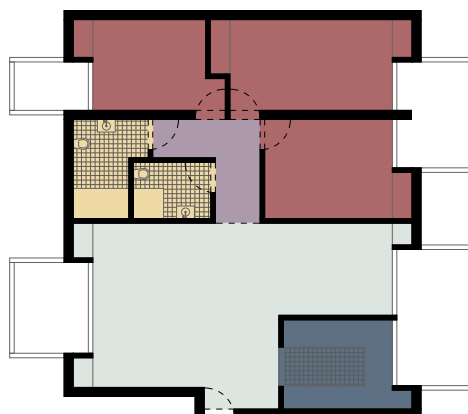
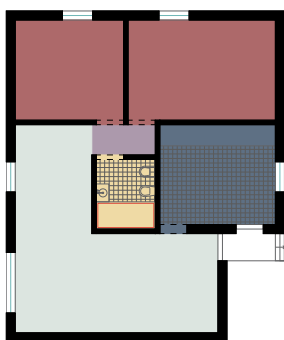
cartaz contra o fim dos saal
alexandre alves costa, 1976

revisitar os processos saal

62 / 86

também em portugal tivemos momentos de rutura, em 1974 quando os processos saal (serviço ambulatorio de apoio local) surgiram num país que ainda tremia com os ecos da revolução de abril. na altura, com as cidades ainda presas a modelos de habitação obsoletos, enquanto as barracas invadiam as periferias encontrava-se num estado crítico. o país em vias de mudar, mas as casas em vias de cair. e assim, num sopro de vento fresco, os saal trouxeram a rutura, era necessário reinventar o modo como pensávamos o lugar onde vivemos, ouvir as pessoas, e desenhar para elas.

o que os saal fizeram, naquela breve janela de tempo, foi mais do que construir casas, eles abriram uma nova forma de fazer arquitetura, onde o processo era colaborativo, e as soluções nasciam das mãos e das vozes de quem ia ocupar os edifícios. estas construções, em bairros populares de lisboa, porto e noutras cidades, não eram apenas edifícios – eram símbolos de uma nova ideia de habitação, desenhada para responder às necessidades reais e pessoais de uma sociedade em mudança.



planta t2, bairro saal do leal, porto
sergio fernandez, 1974-76

planta t3, vencedor do concurso da oasrs
edifício de habitação e espaço público na rua
antónio do couto, lisboa
patricia rocha leite, unipessoal, lda. + jorge
miguel de almeida castro trigo, 2023

planta t2, vencedor do concurso do ihru
conjunto habitacional na avenida torrado da
silva, almada
arquitectos aliados lda, 2023

planta t3, vencedor do concurso da oasrs
edifício de habitação na rua da venezuela,
lisboa
spm arquitektos lda, 2023

revisitar os processos saal

63 / 86

a rutura, por mais energizante que tenha sido, não perdurou. se olharmos para o panorama atual, percebemos que embora a crise habitacional de hoje seja tão urgente como naquela época, o desenho da mesma continua preso a fórmulas velhas. a verdade é que, desde então, a inovação na arquitetura habitacional tem sido sufocada por forças maiores. o mercado imobiliário é dominado por promotores, e para eles, a inovação não é uma aposta segura. o que importa é o lucro rápido e a repetição de modelos que garantem retorno. as casas de hoje ainda seguem muitos dos traços que já existiam nos anos 70 e 80, sem grande espaço para experimentação ou inovação. o medo de errar, de arriscar, leva ao comodismo. e assim, em vez de avançarmos, ficamos presos a uma arquitetura que já não reflete as verdadeiras necessidades da sociedade atual. olhando para a realidade contemporânea, o que vemos são edifícios padronizados, feitos em série, pensados para maximizar o número de unidades e, leia-se o lucro. as tipologias são repetitivas, quartos (vermelho) para um lado, sala (verde) e cozinha (azul) para o outro, com as instalações sanitárias (amarelo) pelo meio e com o famoso corredor (roxo) a servir de ligação. tal estagnação decorre do fato dos concursos públicos, serem avaliados e frequentemente dominados por critérios económicos que impedem a inovação. o processo criativo é posto de lado em nome da eficiência financeira, e a possibilidade de uma nova rutura parece cada vez mais necessária.



imagem do bairro da bouça, porto
álvaro siza vieira

planta do bairro da bouça, porto
álvaro siza vieira

imagem do bairro de s.vitor, porto
álvaro siza vieira

imagem o bairro quinta das fonsecas, lisboa
raul hestenes ferreira

imagem do bairro do casal das figueiras, setúbal
gonçalo byrne

imagem do bairro da meia pedra, lagos
josé veloso

imagem do bairro da curraleira, lisboa
josé antónio paradela e luis gravata filipe

imagem do bairro alto do moinho, lisboa
francisco silva dias

imagem do bairro do leal, porto
sergio fernandez

imagem do bairro da lapa, porto
alfredo matos ferreira e beatriz madureira

imagem do bairro das antas, porto
pedro ramalho

revisitar os processos saal

64 / 86

se voltarmos ao espírito dos saal, percebemos que a verdadeira inovação surge quando as regras são quebradas e quando se dá voz a quem, normalmente, é deixado à margem. os bairros desenhados naquela altura, com todas as suas imperfeições, tinham uma qualidade que hoje falta: eram desenhados para a vida real, para as pessoas que neles habitavam. agora, desenha-se para o mercado, para a lógica dos números, onde uma pessoa é apenas um número numa folha de cálculo. é nesta tensão entre o que é seguro e o que é necessário, que a habitação se transforma num produto. e o sonho de uma arquitetura habitacional verdadeiramente inovadora fica guardado a um canto.

olhando em volta, a sensação é a de que estamos de novo à espera desse momento. a crise habitacional que enfrentamos atualmente, com as cidades a tornarem-se inacessíveis para tantos, e com a qualidade da habitação em declínio, precisamos mais do que uma simples repetição dos modelos do passado, precisamos de repensar, tal como os saal fizeram, o que significa habitar. mas, para isso, será preciso coragem. coragem para mudar, coragem para desenhar algo novo, porque. no fundo, a verdadeira inovação não nasce da segurança, mas do risco de falhar.

IL FAUT CONFRONTER
LES IDÉES VAGUES AVEC
DES IMAGES CLAIRES

WE SHOULD REPLACE VAGUE
IDEAS WITH CLEAR IMAGES

a sensação que fica é que os concursos públicos, que poderiam ser instrumentos de transformação, acabam muitas vezes perdidos numa teia de interesses, burocracias e hesitações que atravessa o território. ainda assim, a ordem dos arquitetos, o ihu e o sru tentam, entre altos e baixos, manter viva a chama desse processo, tentando assegurar que a arquitetura e o espaço urbano não se tornem apenas números e metros quadrados a vender. mas mesmo com essa boa vontade, a arquitetura parece muitas vezes presa a ideias soltas, como se navegássemos num mar de abstrações. falta a clareza, a imagem nítida de que falava godard em la chinoise: "temos que substituir as ideias vagas com imagens claras." é isso que falta aos concursos: uma visão concreta de habitação que realmente responda às necessidades das pessoas, e que escape ao ciclo de repetição e ganância.

como é que garantimos que os júris não se prendem a um tipo de arquitetura que é sempre igual? como é que fazemos para que o critério volte a ser a qualidade arquitetónica? precisamos ser mais rigorosos com os profissionais a quem confiamos e, mais do que isso, de reestruturar a forma como se pensa os concursos e a sua avaliação. temos de nos renovar e, para isso, temos de aprender com quem já faz bem.



há algo em flandres que portugal ainda não aprendeu. passaram 25 anos desde que foi estabelecido o cargo do flemish state architect, um passo que trouxe consigo um renascimento na qualidade arquitetónica na região. e talvez seja hora de observarmos esse caminho, para entendermos como uma ideia tão simples conseguiu transformar uma cultura e produzir não apenas grandes projetos, mas também grandes arquitetos.

o sistema belga, conhecido como open call, é o motor que impulsionou essa mudança. é um processo voluntário, onde departamentos do governo e municípios de flandres podem pedir a consulta do flemish government architect em projetos de edifícios, urbanismo ou infraestruturas. a essência é simples: o cliente e o governo estabelecem um programa, e uma seleção de arquitetos – tanto locais como estrangeiros – é convidada a participar. ao contrário do que acontece noutros países, onde concursos abertos se tornam uma maratona de centenas de candidaturas, a open call é mais focada, refinada. de centenas, a lista é reduzida a cinco, num processo que valoriza a qualidade e não a quantidade.



uitzicht crematorium, kortrijk
souto de moura and sum project, 2005-11

100 het steen, antwerp
noaarchitecten, 2016-21

apartment towers westkaai 1+2, antwerp
diener & diener, 2005-09

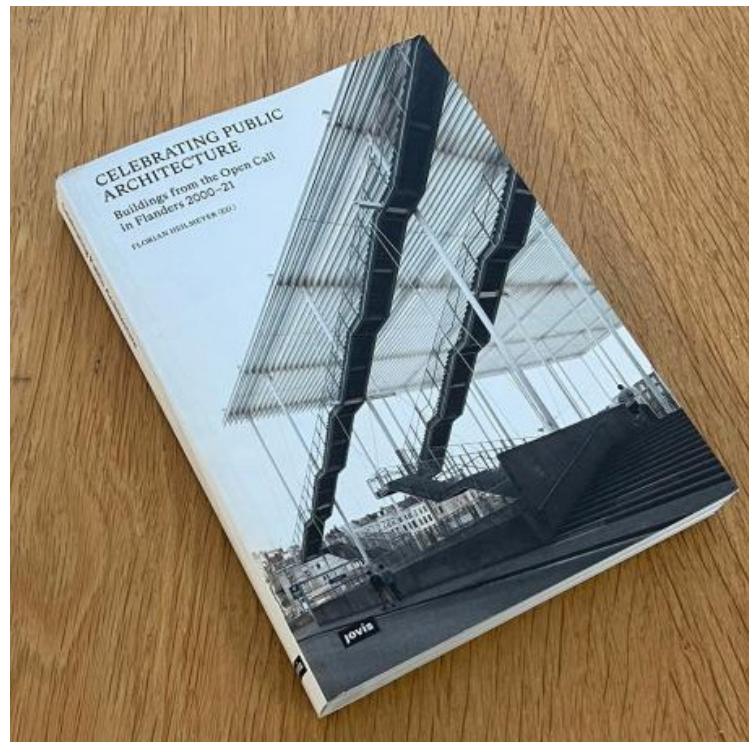
kanal, brussels
noaarchitecten, em2n, sergison bates, em
construção

aprender com o sistema belga

67 / 86

no entanto, o que faz de flandres um exemplo a seguir não é apenas o processo bem organizado ou os júris compostos por especialistas diversos. é também a forma como se abrem portas a arquitetos estrangeiros, permitindo que novas ideias entrem em diálogo com as tradições locais. existe uma parceria entre culturas, uma troca de conhecimentos que enriquece todos os envolvidos. veja-se o exemplo do arquiteto português souto moura, que, em colaboração com o atelier sumproject, venceu o concurso para o crematório uitzicht. portugal tem talento, e esse talento pode brilhar em ambientes que incentivam a inovação, a qualidade e a colaboração.

claro, nem tudo é perfeito. mesmo na Bélgica, os concursos públicos podem ser afetados por ciclos eleitorais e atrasos nos financiamentos. os arquitetos que vencem os concursos são pagos pelo estado, mas nem sempre de forma regular, o que pode ser um desafio para pequenos ateliers. mas, no final, o que prevalece é a qualidade apresentada e o impacto duradouro desses concursos. flandres conseguiu, em 25 anos, criar um sistema que coloca a arquitetura no centro das suas preocupações. e não nas margens.



more than a competition
team vlaams bouwmeester and flanders
architecture institute, 2021

celebrating public architecture. buildings
from the open call in flanders 2000-21
team vlaams bouwmeester and flanders
architecture institute, 2021

aprender com o sistema belga

68 / 86

em portugal, por outro lado, a cultura do projeto conservador continua a dominar. não há espaço para arriscar. muitos ateliers nem se atrevem, sabendo que o risco não será valorizado. a especulação imobiliária mexeu com a forma como escolhemos os projetos: o que agrada ao olho, o que se vende facilmente. mas há esperança. se flandres conseguiu, talvez nós também possamos. precisamos aprender com o que está a ser feito lá fora, adotar sistemas que promovam a qualidade, a inovação e a diversidade, e, acima de tudo, abrir espaço para que os jovens arquitetos possam arriscar sem medo.

a open call é um exemplo de como os concursos podem ser mais do que uma simples forma de adjudicar contratos. podem ser motores de transformação. se conseguirmos implementar algo semelhante em portugal, talvez possamos também criar um futuro onde a arquitetura seja mais do que um produto – onde ela volte a ser uma arte, uma reflexão sobre o espaço e as pessoas que o habitam.



vista aérea do distrito de eilandje, antwerp
patrick henderyckx, 2016

caso de estudo:
regeneração das docas de cadix,
antwerp

69 / 86

antuérpia é uma cidade de contrastes, como tantas cidades do mundo, luta contra a gentrificação, essa transformação invisível que corre o risco de diluir os limites que definem a sua essência. mas antuérpia tem algo único: o rio scheldt, sempre foi estratégico. e ainda detem o segundo maior porto da europa, a principal entrada de produtos da américa do sul. talvez por isso, antuérpia se tenha tornado num dos maiores centros de droga na europa.

seria fácil imaginar uma antuérpia moderna a sucumbir às tentações, a perder-se nos vícios do progresso mal calculado. parecia provável que, nos anos 70 e 80, a cidade caísse num abismo com o êxodo urbano, deixando para trás zonas de edifícios abandonados e infraestrutura degradada. no entanto, isso não aconteceu. talvez por uma conjugação improvável de moda, união europeia e uma abordagem firme ao planeamento urbano. um trio que, em vez de deixar que a cidade se apagasse, a empurrou para a frente.



the antwerp six
belgae

the antwerp six
philippe costes

caso de estudo:
regeneração das docas de cadix,
antwerp

70 / 86

nos anos 80, foi a moda que começou a moldar a nova identidade de antuérpia. o coletivo antwerp six, com figuras como dries van noten e ann demeulemeester, lançou a cidade no centro das atenções criativas. não era apenas roupa; era uma revolução cultural que ecoava nas ruas, nas lojas, nos cafés. e isso transbordou para a arquitetura.

depois, vieram os anos 90, e com eles o financiamento da união europeia. antuérpia voltou a respirar, com projetos de revitalização que olhavam para as áreas esquecidas. a cidade nomeou o seu primeiro stadsbouwmeester – arquiteto da cidade - uma posição que ninguém sabia ao certo como interpretar, mas que rapidamente se tornou essencial. era uma espécie de guardião dos sonhos urbanos, uma figura que tinha de equilibrar tradição e inovação, mantendo a alma da cidade intacta.



em 2006, o plano de estruturação espacial estratégica foi traçado. bernardo secchi e paola viganò, dois arquitetos italianos, juntaram-se ao então arquiteto da cidade, rené daniëls. o plano dividiu antuérpia numa "coluna vertebral dura" – os projetos estruturais – e numa "coluna vertebral suave" – os espaços verdes e os canais fluviais. como numa melodia de jazz, a dureza e a suavidade entrelaçavam-se, criando uma sinfonia urbana que unia o velho e o novo, o planeado e o espontâneo. het eilandje, e no seu centro, cadix, foi um dos pontos focais dessa renovação. uma zona portuária esquecida, perdida entre o barulho dos navios e o silêncio dos armazéns abandonados, transformou-se num novo bairro. o plano não era só construir casas, mas sim criar um tecido urbano poroso, que ligasse a infraestrutura portuária ao pulsar da cidade. as ruas foram traçadas para serem mais do que apenas espaços de passagem – foram pensadas como lugares de convivência, onde o antigo e o novo se tocam.



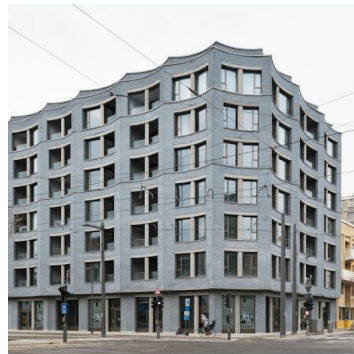
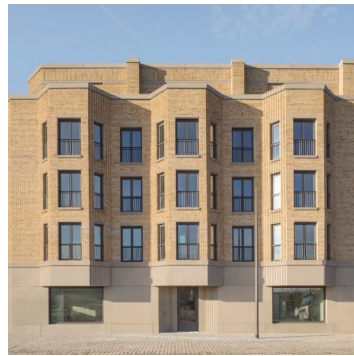
bovenbouw cadix edificio em construção
david de bruijn

caso de estudo:
regeneração das docas de cadix,
antwérp

72 / 86

os concursos de arquitetura tornaram-se um dos instrumentos mais eficazes para moldar esta nova antuérpia. não era apenas uma questão de custo, mas de qualidade arquitetónica. a cidade libertou os terrenos através de competições que exigiam colaborações entre arquitetos e promotores. as propostas eram julgadas pelo seu valor cultural, pelo impacto na vida urbana, pelo respeito ao passado e à abertura ao futuro. e foi assim que alguns dos melhores escritórios de arquitetura da Bélgica e do reino unido encontraram em cadix um espaço para deixar a sua marca.

mas, como tudo na vida, a revitalização trouxe consigo uma sombra: a gentrificação. algumas vozes começaram a levantar-se, reclamando que cadix estava a tornar-se um bairro para os ricos, com apartamentos caros e uma vida noturna que nem sempre era bem-vinda pelos residentes. o velho charme da zona parecia estar a ser substituído por uma nova estética mais polida. mas menos autêntica.



kgdvs, 2017
fotografia de filip dujardin

addjviv, 2017
fotografia de filip dujardin

meta architectuurbureau, 2017
fotografia de filip dujardin

noa architecten, 2017
fotografia de filip dujardin

hcva, 2018
fotografia de karinborghouts

stephen taylor, 2018
fotografia de karinborghouts

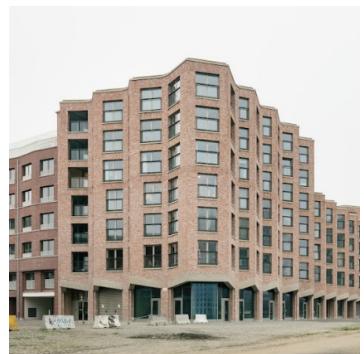
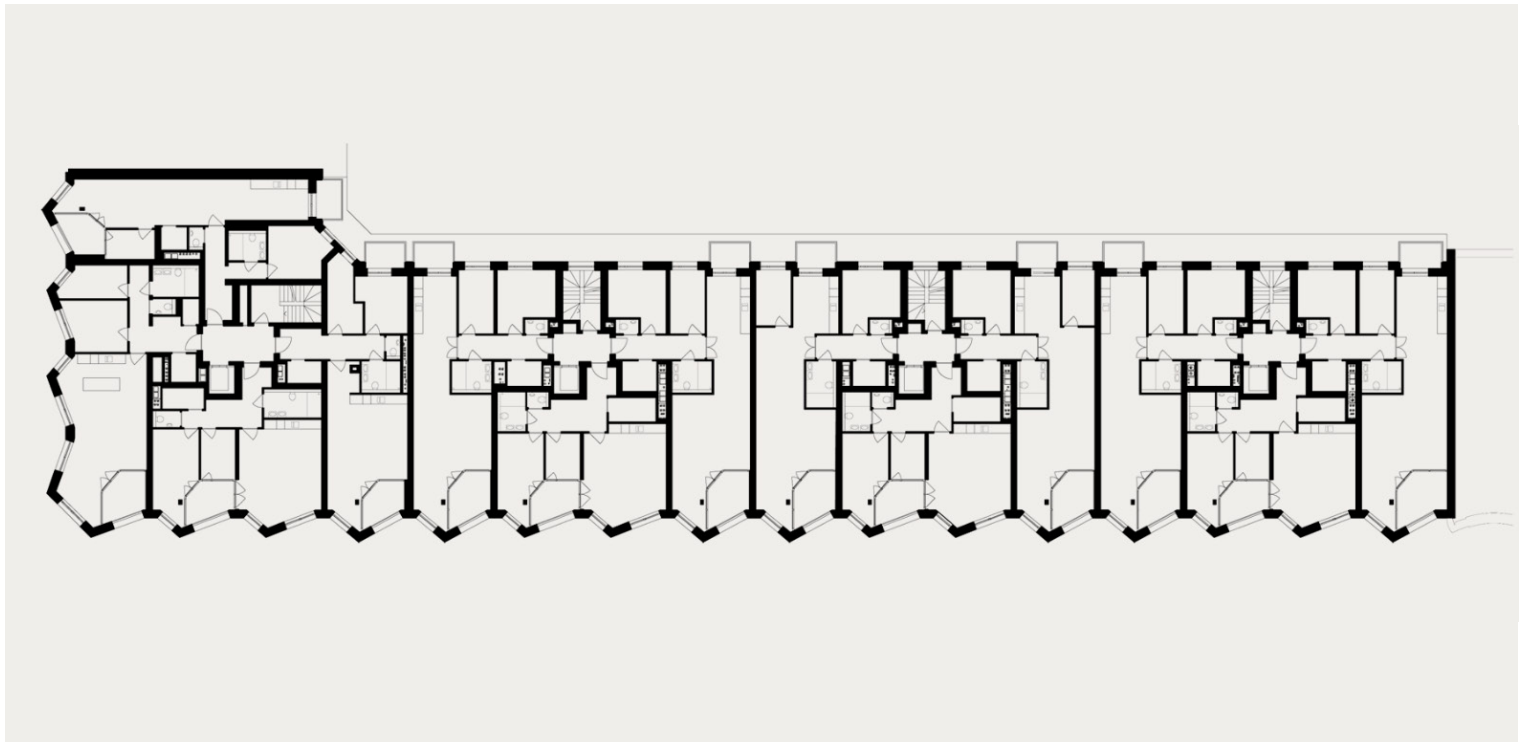
bovenbouw, 2021
fotografia de stijn bollaert

sergison bates, 2021
fotografia de stijn bollaert

caso de estudo:
regeneração das docas de cadix,
antwerp

73 / 86

agora, a cidade prepara-se para o futuro com o novo plano estratégico que irá vigorar até 2050. um dos maiores desafios será lidar com as antigas docas do scheldt, que foram. durante séculos, o coração da interação da cidade com o rio. a ligação com o porto foi quebrada no século xx, e het eilandje tornou-se uma barreira entre a cidade e o porto. mas o futuro parece promissor, mesmo que, como sempre, leve o seu tempo.



planta tipo
cortesia de sergison bates

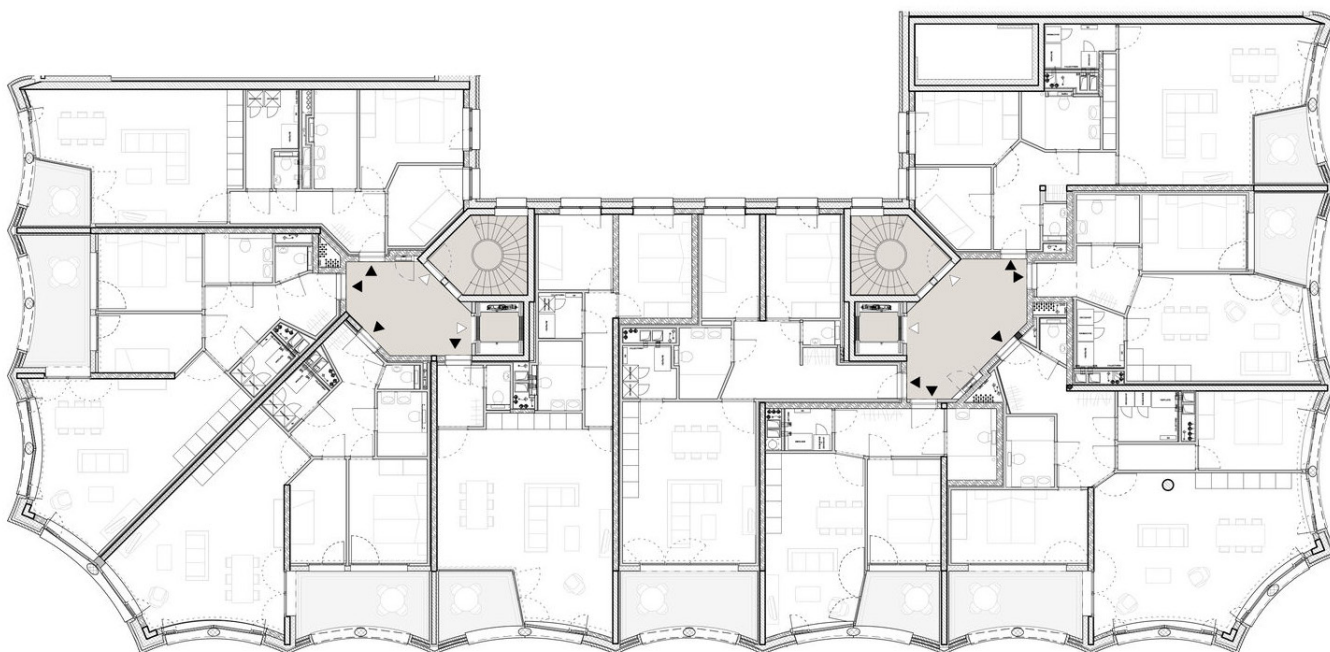
imagem do interior
fotografia de stijn bollaert

imagem do exterior
fotografia de stijn bollaert

imagem do exterior
fotografia de stijn bollaert

caso de estudo:
cadix harbour building, antwerp
sergison bates, 2015-21

o projeto habitacional, na zona de cadix, antuérpia, faz parte de uma área de regeneração urbana na antiga zona portuária. este edifício residencial de grande escala (80 apartamentos) integra-se num quarteirão. desenhado em colaboração entre os bovenbouw e os bulk architecten. o bloco, explora várias tipologias. como maisonettes, unidades de habitação assistida e espaços de trabalho flexíveis, o que proporciona uma grande diversidade de habitações. as cinco fachadas respondem de formas diferentes às orientações e envolventes urbanas, criando uma forte identidade visual. o edifício mais próximo da água, desenhado por sergison bates, inspira-se nos antigos armazéns portuários, nomeadamente pela na sua volumetria e presença robusta, e simultaneamente adota detalhes típicos dos blocos residenciais do século xix, com formas vincadas repetidas nas fachadas. os apartamentos com varandas orientadas para norte e oeste, proporcionam vistas sobre a cidade e a água, além de espaços comuns e um terraço na cobertura para uso dos residentes. este projeto representa uma abordagem equilibrada entre monumentalidade e escala humana, integrando-se no tecido urbano, enquanto responde às necessidades contemporâneas de diferentes formas de habitar.



planta tipo
cortesia de bovenbouw

imagem do interior
cortesia de bovenbouw

imagem do exterior
fotografia de stijn bolaert

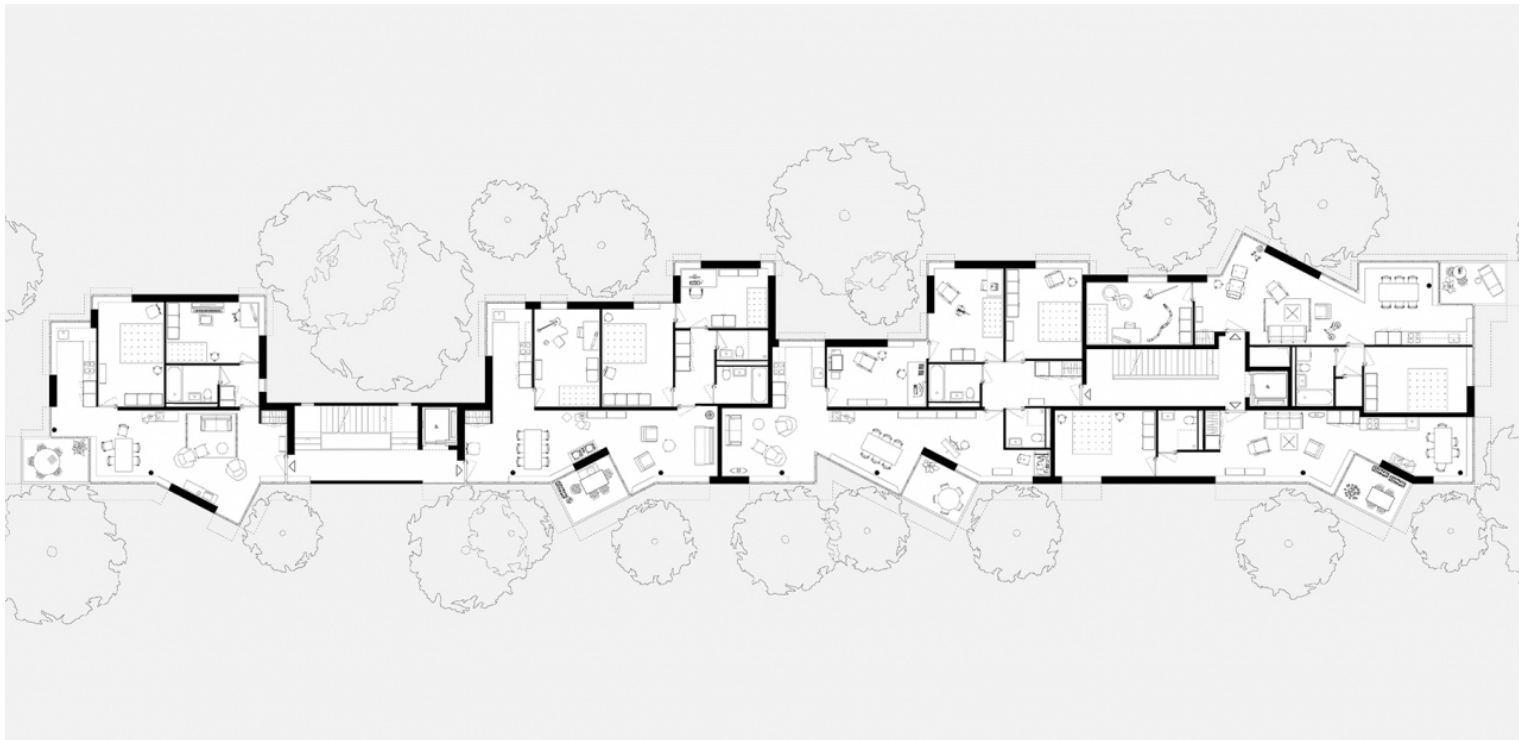
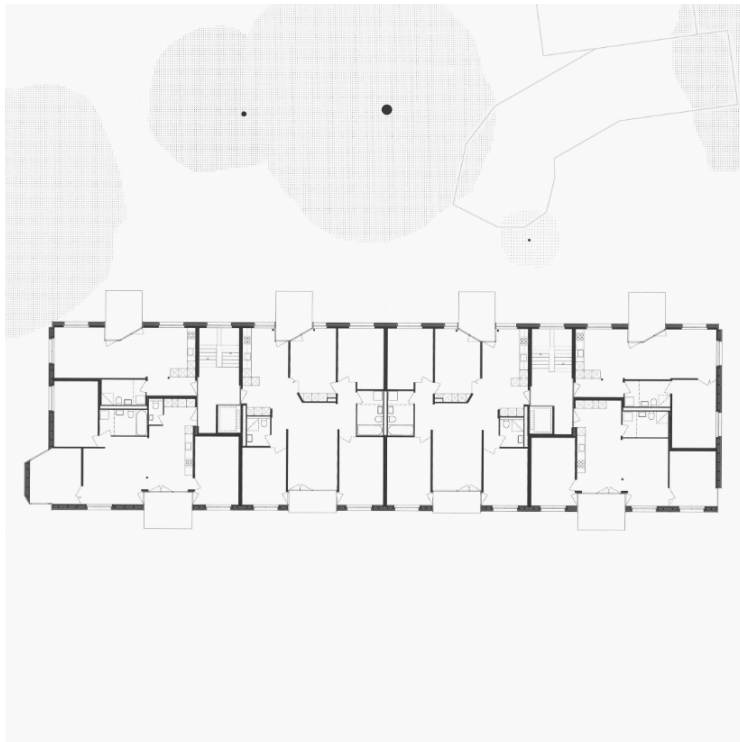
imagem do exterior
fotografia de stijn bolaert

caso de estudo:
apartment building in the docklands, antwerp
bovenbouw, 2015-21

o projeto habitacional, na zona de cadix, antuérpia, exemplifica a ideia de integração com o tecido urbano. parte de um quarteirão com cinco grandes edifícios, o palazzo destaca-se como protagonista deste diálogo. posicionado numa esquina estratégica do antigo porto, o edifício equilibra a sua escala imponente com a envolvente, sem a dominar. o canto oeste, com uma aresta chanfrada, acentua a mudança de eixo da londresstraat, enquanto o canto este cria uma transição suave para o bairro de cadix.

a fachada rítmica e estratificada destaca-se pela sua profundidade e monumentalidade, inspirada nos antigos armazéns da zona. no piso térreo, uma passagem conecta o pátio interior à rua, com fachadas envidraçadas que protegem do ruído, sem perder a interação visual. o edifício tem duas entradas simétricas, nove apartamentos por piso, num total de 54 unidades distribuídas por seis andares. as esquinas oferecem apartamentos com dupla orientação.

com materiais robustos e detalhes subtis que remetem o estilo industrial local, o palazzo reflete a história da área portuária.



beck, zurich
schneidertuertscher, 2024-

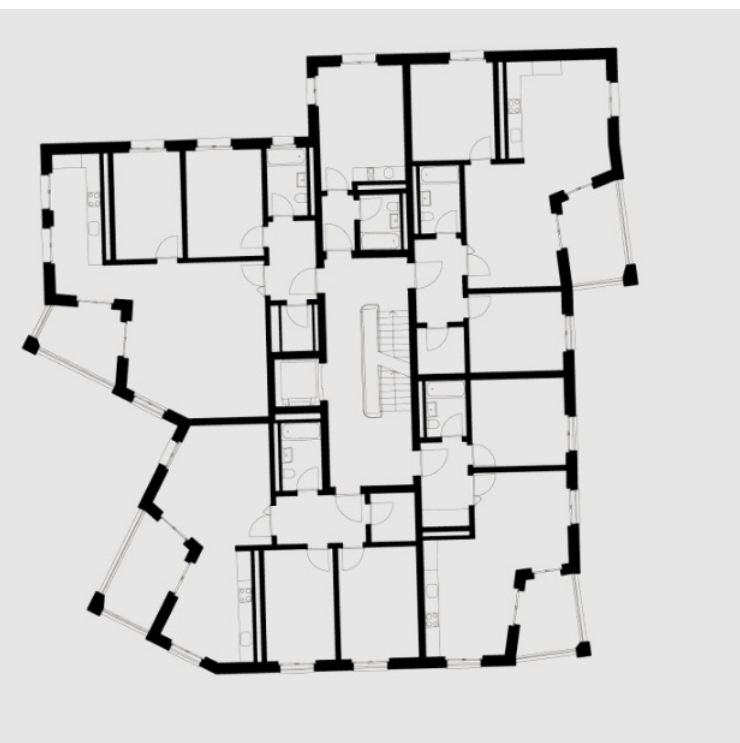
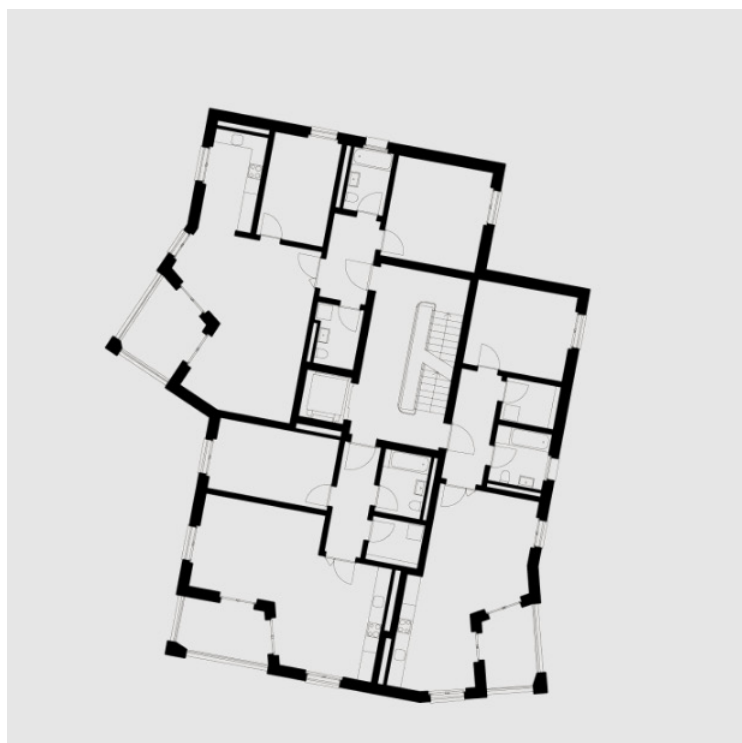
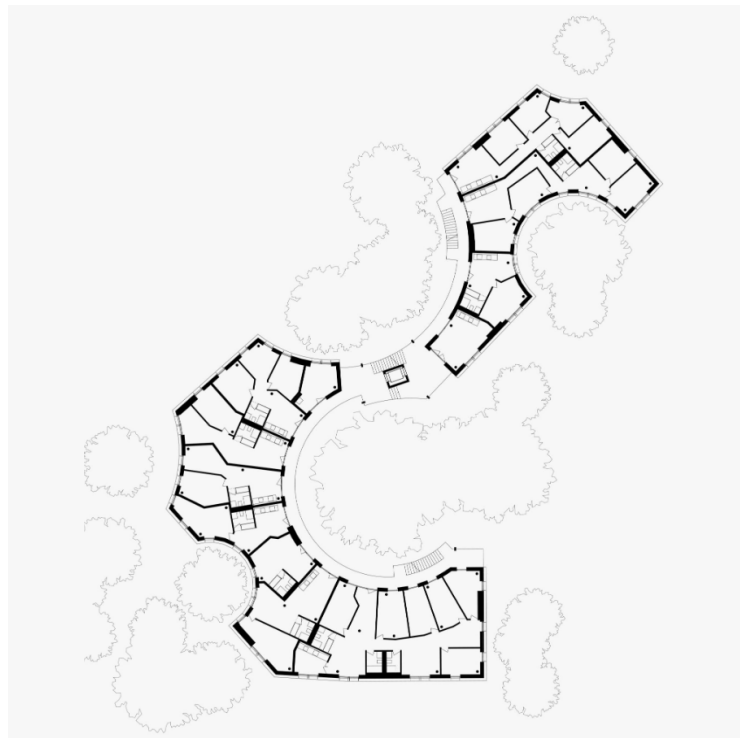
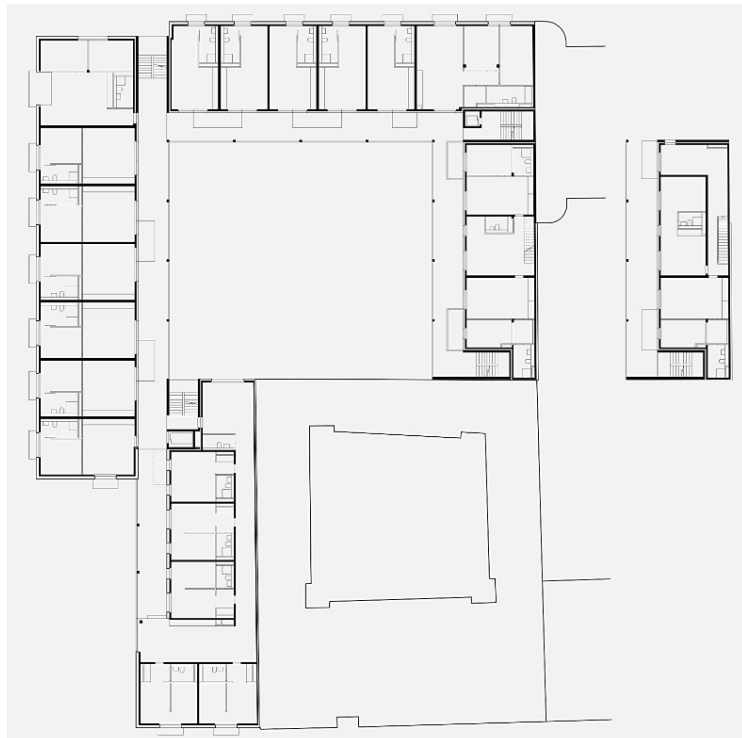
waldmeisterweg, zurich
lutjens padmanabhan, 2013-18

wechselwiesenstrass, zurich
scheidegger-keller, 2022-

uma nova proposta

76 / 86

ao olharmos para o panorama atual dos concursos de arquitetura em portugal, surge uma necessidade gritante de uma transformação. o sistema, muitas vezes preso a critérios rígidos e repetitivos, carece de frescura e ousadia, de uma rutura que abra as portas a novas formas de habitar. não basta responder a um programa, é preciso ir além, explorar modos de viver que reflitam a multiplicidade da nossa sociedade contemporânea, a fluidez das nossas relações e a necessidade urgente de uma habitação que vá ao encontro de realidades diversas. uma proposta para a revitalização dos concursos de arquitetura em portugal passa, em primeiro lugar, pela diversificação dos júris. precisamos trazer uma visão mais plural e internacional, integrando arquitetos e críticos de fora do país, que possam colaborar com as sensibilidades locais e introduzir novos ângulos e novas formas de pensar o espaço. tal como em flandres, onde a open call criou um espaço de colaboração entre culturas, portugal pode abraçar este intercâmbio, convidando vencedores de concursos passados, tanto locais quanto internacionais, para participar como júris. o critério de avaliação precisa ser alargado, focando-se menos na economia imediata e mais na qualidade arquitetónica e na inovação.



new housing on briesestraße, berlin
em2n, 2015-2020

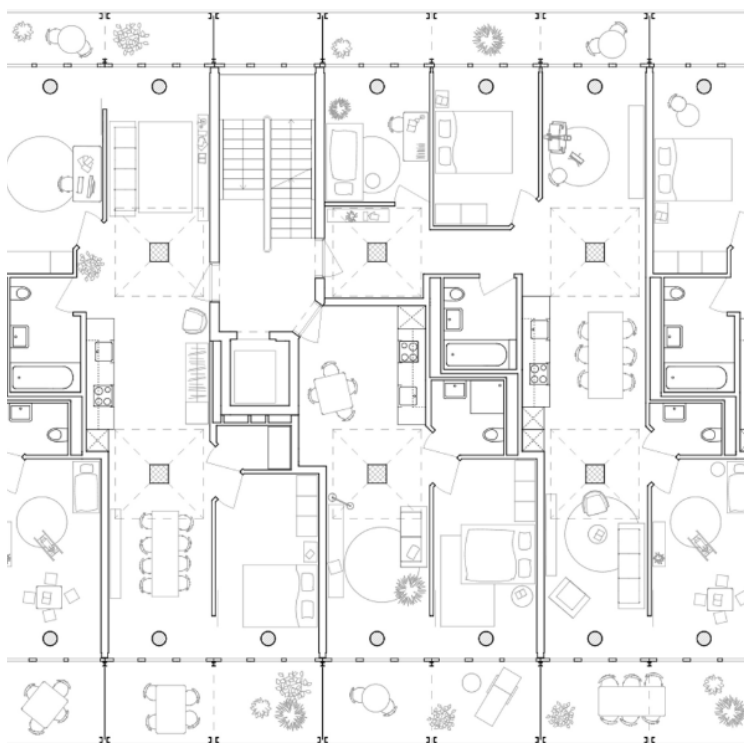
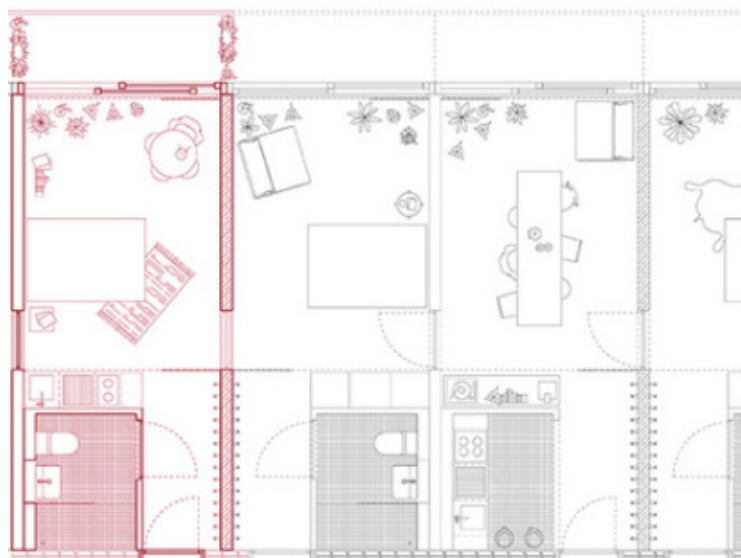
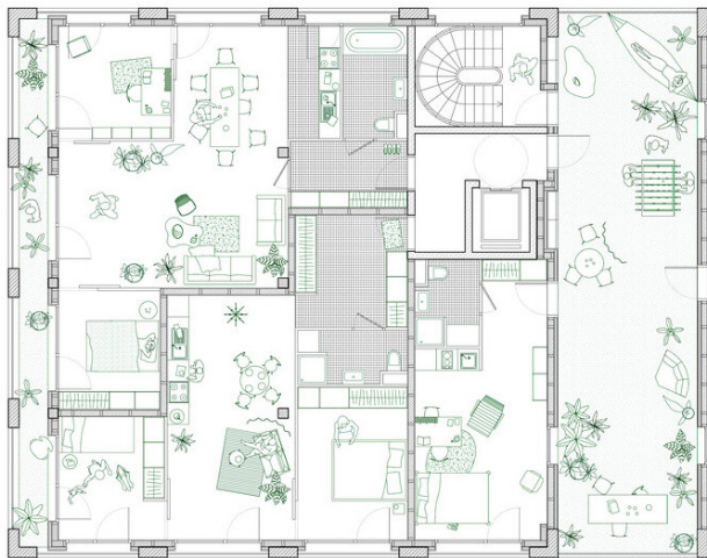
rotbuchstrasse, zurich
emi, 2021-25

seebach suburban housing, zurich
sergison bates, 2015-2019

uma nova proposta

77 / 86

além disso, é crucial facilitar e promover a entrada tanto de arquitetos recém-formados como arquitetos estrangeiros no processo, permitindo que colaborem com profissionais locais e, assim, enriquecerem o diálogo criativo. esta abertura não só ampliaria as possibilidades criativas, como traria uma lufada de ar fresco ao desenho da habitação, que tantas vezes permanece preso a modelos datados. a arquitetura não pode ser uma ilha. tal como a cultura é uma soma de influências, o espaço construído também deve ser fruto dessa troca contínua. um passo inovador seria a criação de anuários que registem, em formato de livro, os concursos de arquitetura em portugal. esses anuários poderiam celebrar os avanços feitos, documentar as propostas vencedoras e dar voz a críticos, arquitetos e pensadores, criando um arquivo rico que fomente o debate e a reflexão. seria uma oportunidade para não apenas celebrar o que foi feito, mas também para incentivar futuros concursos a arriscar, a sonhar mais alto.



petit plot, paris
plan común, 2019-

längsbau h1, zurich
brandlhuber + muck petzet

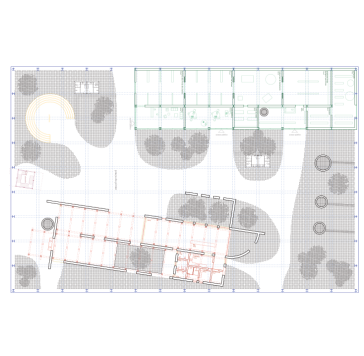
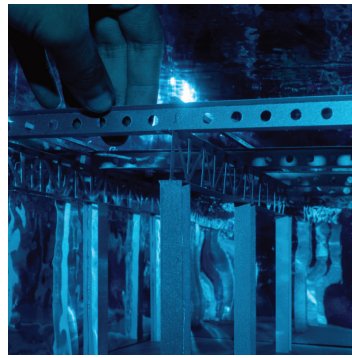
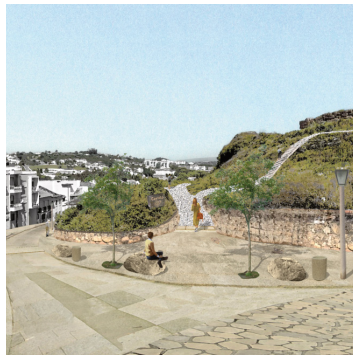
conversion of a wine storage into housing,
basel
esch sintzel, 2018-23

wohnsiedlung frohalp, zurich
zimmermann sutter, 2019-24

uma nova proposta

78 / 86

esses anuários seriam mais do que apenas catálogos; seriam documentos vivos, em constante evolução, que acompanhariam as mudanças na nossa sociedade e no nosso modo de habitar. poderíamos, por exemplo, convidar escritores, sociólogos e artistas, para comentar o impacto da arquitetura no cotidiano das pessoas, estabelecendo uma ponte entre o pensamento técnico e o pessoal, entre o edifício e a vida que nele se desenrola. conferiria aos concursos uma dimensão mais humana, mais próxima das pessoas. é preciso romper com o ciclo de repetição que domina o desenho da habitação em portugal. tal como no espírito dos saal, a verdadeira inovação surge quando se dá espaço ao inesperado, ao risco. se conseguirmos implementar um sistema que promova a colaboração internacional, a renovação constante dos júris e a criação de uma cultura crítica em torno dos concursos, então talvez possamos alcançar essa nova rutura. uma rutura que não seja efêmera, mas que perdure e se renove continuamente, refletindo o dinamismo da nossa sociedade e das nossas cidades. a arquitetura, assim como a literatura, não se faz sozinha. faz-se em diálogo. e é este diálogo que os concursos podem – e devem – promover.



concurso 007
trampolim, 2024

concurso 004
trampolim, 2023

the last jump
trampolim, 2024

concurso 001
trampolim, 2023

concurso 003
trampolim, 2023

concurso 006
trampolim, 2024

concurso 005
trampolim, 2024

concurso 006
trampolim, 2024

concurso 006
trampolim, 2024

concurso 005
trampolim, 2024

concurso 007
trampolim, 2023

concurso 007
trampolim, 2024

concurso 002
trampolim, 2023

uma janela de esperança

79 / 86

ao concluir esta reflexão sobre a relevância dos concursos de arquitetura para o desenho da habitação, é evidente que, apesar das resistências e das forças conservadoras que perpetuam velhos modelos, há um espaço fértil para a transformação. os desafios contemporâneos exigem que revisitemos as formas de habitar, inspirando-nos em práticas inovadoras, como as que emergiram na Bélgica ou Suíça, onde os concursos não só enriquecem o diálogo criativo, mas também celebram a diversidade.

para além da mera adequação a programas, devemos abraçar a multiplicidade das realidades sociais, reconhecendo que a arquitetura deve ser uma resposta viva às dinâmicas do nosso tempo. reestruturar estes concursos é fundamental, a proposta de diversificar júris e fomentar a colaboração internacional é um passo crucial para transformá-los em espaços de renovação e esperança.

num mundo onde a repetição se tornou a norma, é fundamental que os concursos sejam catalisadores de ideias frescas. a verdadeira inovação não surge da segurança, mas do risco, da vontade de desafiar o que conhecemos. é nesse espírito que devemos avançar, permitindo que a arquitetura não seja apenas um produto, mas um reflexo do que podemos ser. o futuro espera por nós, e cabe-nos moldá-lo com coragem.

ao longo desta tese, o questionamento sobre a relevância dos concursos para o desenho da habitação esteve no centro de todas as reflexões. não se tratou apenas de analisar a sua eficiência como mecanismo profissional, mas de investigar o seu verdadeiro impacto no modo como se concebe e se projeta habitação em portugal. desde o início, a intenção foi clara: compreender até que ponto o sistema de concursos pode contribuir para a inovação tipológica e para responder às novas exigências.

a primeira parte do trabalho, que envolveu a participação em sete concursos públicos, trouxe à superfície uma série de aprendizagens práticas que, de certa forma, funcionaram como laboratório experimental. cada concurso apresentou desafios específicos – diferentes escalas, contextos e programas – que permitiram uma visão abrangente da complexidade do processo. mais do que simples entregas de projeto, estas experiências mostraram como a dinâmica colaborativa entre grupos de trabalho e a pressão dos prazos são elementos que estimulam a criatividade e a capacidade de adaptação.

no entanto, a questão central da tese – qual o papel dos concursos no desenho da habitação? – emergiu com mais força na segunda parte. foi aí que se aprofundou a reflexão sobre o quanto o sistema atual pode estar, por vezes, desfasado das verdadeiras necessidades habitacionais do país. analisou-se como, muitas vezes, o foco dos concursos se desvia para questões formais ou burocráticas, em vez de incentivar uma reflexão profunda sobre a qualidade do espaço habitacional e a sua adequação às realidades sociais. ao longo do estudo, tornou-se evidente que o modelo de concurso atual, em muitos casos, falha em promover soluções habitacionais inovadoras e adequadas às transformações urbanas e sociais que portugal enfrenta.

os exemplos estudados, como o sistema Open Call na Bélgica, mostraram que é possível pensar um concurso não como um fim em si mesmo, mas como uma ferramenta ativa de mudança. esses modelos internacionais destacam-se por promover uma participação mais inclusiva, com júris diversificados e processos que realmente incentivam a experimentação arquitetónica. essa abertura para novas ideias, tipologias e formas de pensar a habitação parece ser um caminho que portugal ainda hesita em trilhar. o estudo demonstra que é necessário um sistema mais dinâmico, em que os concursos de habitação deixem de ser meros exercícios técnicos para se tornarem campos férteis para a criação de soluções inovadoras e viáveis.

em síntese, esta tese propõe-se a repensar a arquitetura habitacional através dos concursos. mais do que perpetuar modelos estabelecidos, o que está em causa é a necessidade de abrir espaço para a experimentação e para novas formas de habitar. os concursos, se reformulados, podem tornar-se catalisadores de mudanças tipológicas e, consequentemente, de transformações sociais. no final, a pergunta que orientou este estudo persiste: qual é a relevância dos concursos para o desenho da habitação? este trabalho não oferece respostas definitivas, mas pretende ter lançado as bases para uma reflexão contínua, que poderá evoluir à medida que o próprio sistema de concursos também se transforma.

frampton, kenneth. modern architecture: a critical history. londres: thames & hudson, 1992.

bandeirinha, josé antónio. o processo saal e a arquitectura no 25 de abril de 1974. coimbra: imprensa da universidade de coimbra, 2007.

andersson, jonas, gerd bloxham zettersten e magnus rönn. architectural competitions – histories and practice. estocolmo: royal institute of technology e rio kulturkooperativ, 2013.

guilherme, pedro. "shall we compete?" publicado em researchgate. universidade de Évora, 2014.

guilherme, pedro. "competitions serve a larger purpose in architectural knowledge." publicado em researchgate. universidade de Évora, 2014.

inderbitzin, christian. "forms of living." publicado em www.emi-architekten.ch, 2015.

guilherme, pedro. "the relevance of international design competitions for portuguese architecture." in architectural competitions as institution and process. estocolmo: royal institute of technology, 2016.

murakami, haruki. norwegian wood. lisboa: casa das letras, 2016. (publicado originalmente em 1987.)

winston, anna. "true grit: cadix docklands regeneration in antwerp." publicado em architectural review, 2018.

de caigny, sofie, alice haddad, maarten liefvooghe, carlo menon, véronique patteeuw, maarten van den driessche, beatriz van houtte alonso e erik wieërs. more than a competition. team vlaams bouwmeester e flanders architecture institute, 2021.

hill, john. "two decades of the open call." publicado em world-architects, 2022.

costa, pedro machado. "tratado da desolação – o pnh, o ihru, os arquitectos e os projectos deles." publicado em jornal arquitectos: publicação periódica da ordem dos arquitectos, 2023.

au magazine. architecture and urbanism, vol. 2023, no. 12. 2023.

markowska, magda. "who were the antwerp six?" publicado em art-hub magazine, 2024.

woodman, ellis. "why uk architects look to flanders' open call system with envy." publicado em architects journal, 2024.

silva, ana catarina. "ep.01: esch sintzel architekten (ch). arquitetura entre vistas. abroad, 2024. spotify.
disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1yCMk1b03pyTP1pG0HtaPG?si=821b26598d6f4df8>

silva, ana catarina. "ep.11: lutjens padmanabhan (ch). arquitetura entre vistas. abroad, 2024. spotify.
disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1KTQLzVKZk9pX7CZGguFGg?si=4f28d4c6d5e84a24>

baumeister, willi. wie wohnen? sie wohnung (how should we live? the dwelling). 1927

página 59

van der rohe, mies. weissenhof settlement, stuttgart. 1925–27

página 60

sommer, kees. modelo weissenhofsiedlung, stuttgart. 1927.

página 60

le corbusier. weissenhof-siedlung houses, stuttgart. 1927.

página 61

van der rohe, mies. weissenhof apartment house, stuttgart. 1927.

página 61

scharoun, hans. scharoun house, stuttgart. 1927.

página 61

oud, j. j. p. terraced houses, stuttgart. 1927.

página 61

siza, álvaro, e torres. trabalhos de levantamento do terreno para a construção da primeira fase, sr.ª das dores, em s. victor. arquivo moma.

página 62

costa, alexandre alves. manifestação contra a lei das ocupações, zona da arrábida, percurso até ao centro. 1975.

página 62

pimenta do vale, clara. manifestação, centro do porto. 1975.

página 62

dias, joão. as operações saal. 2007.

página 62

costa, alexandre alves. cartaz contra o fim dos saal. 1976.

página 62

fernandez, sérgio. planta t2, bairro saal do leal, porto. 1974–76. (desenhado pelo autor)

página 63

leite, patricia rocha, unipessoal, lda., e jorge miguel de almeida castro trigo. planta t3, vencedor do concurso da oasrs edifício de habitação e espaço público na rua antónio do couto, lisboa. 2023. (desenhado pelo autor)

página 63

arquitectos aliados, lda. planta t2, vencedor do concurso do ihru conjunto habitacional na avenida torrado da silva, almada. 2023. (desenhado pelo autor)

página 63

spmr arquitectos, lda. planta t3, vencedor do concurso da oasrs edifício de habitação na rua da venezuela, lisboa. 2023. (desenhado pelo autor)

página 63

fontenelle, romullo. bairro da bouça, porto, por álvaro siza vieira, disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/899055/aluguel-para-turistas-em-bairro-projetado-por-alvaro-siza-gera-divisao-entre-moradores?ad_campaign=normal-tagacesso.
página 64

planta do bairro da bouça, porto. álvaro siza vieira, disponível em: <https://espacodearquitetura.com/projetos/bairro-da-bouca/>
página 64

"bloco a1, srª das dores, bairro de s. victor," arquivo alexandre alves costa
página 64

david, hugo. "imagem do bairro quinta das fONSECAS, lisboa." de raul hestenes ferreira. disponível em: <https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/saal/>.
página 64

malhão, daniel. "imagem do bairro do casal das figueiras, setúbal." de gonçalo byrne. disponível em: <https://www.goncalobyrnearquitectos.com/casal-das-figueiras-home>.
página 64

"imagem do bairro da meia pedra, lagos." de José veloso. disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bairro_saal_da_meia_praia_-_Apeadeiro#/media/Ficheiro:lagos_-_aldeia_da_meia_praia.jpg.
página 64

"operação saal, na curraleira." foto: nº05343. fundo nuno portas, coleções cd25a-uc.
página 64

dias, francisco silva. "imagem do bairro alto do moinho, lisboa."
página 64

"bairro do leal, porto." coleção de slides de alexandre alves da costa (saal). centro de documentação 25 de abril, universidade de coimbra, 1975.
página 64

ferreira, alfredo matos, beatriz madureira, e jorge barros. "bairro saal da lapa, porto," 1974.
página 64

"bairro das antas, porto." coleção de slides de alexandre alves da costa (saal). centro de documentação 25 de abril, universidade de coimbra, 1975.
página 64

godard, jean-luc. la chinoise. 1967.
página 65

kgdvs. "tunnel and dyke, turnhout." unbuilt. disponível em: <https://officekgdvs.com/projects/57>
página 66

swijns, tom. "uitzicht crematorium, kortrijk." soute de moura and sum project, 2005-11. disponível em: <https://arquitecturaviva.com/works/crematorio-uitzicht-9#lg=1&slide=9>
página 67

zwarts, kim. "100 het steen, antwerp." noaarchitecten, 2016-21. disponível em: <https://noaarchitecten.net/projects/73/100-het-steen-antwerpen>
página 67

diener & diener. "apartment towers westkaai 1+2, antwerp," 2005-09. disponível em: <https://www.dienerdiener.ch/en/project/apartment-towers-westkaai-1-2>
página 67

noaarchitecten, em2n, e sergison bates. "kanal, brussels," em construção. disponível em: <https://kanal.brussels/en/news/noaem2nsergison-bates-win-international-architecture-competititon>.
página 67

team vlaams bouwmeester e flanders architecture institute. "more than a competition," 2021.
página 68

team vlaams bouwmeester e flanders architecture institute. celebrating public architecture: buildings from the open call in flanders 2000–21. 2021.
página 68

henderyckx, patrick. "vista aérea do distrito de eilandje, antwerp," 2016.
página 69

costes, philippe. "the antwerp six."
página 70

"the antwerp six." belgae.
página 70

"cadix dock projects plan." disponível em: <https://www.agvespa.be/projecten/eilandje#over>
página 71

bruijn, david de. "bovenbouw cadix."
página 72, 75

dujardin, filip. "kgdvs cadix," 2017.
página 73

dujardin, filip. "addjviv cadix," 2017.
página 73

dujardin, filip. "meta architectuurbureau cadix," 2017.
página 73

dujardin, filip. "noa architecten cadix," 2017.
página 73

borghouts, karin. "hcva cadix," 2018
página 73

borghouts, karin. "stephen taylor cadix," 2018
página 73

bollaert, stijn de. "bovenbouw cadix." 2021
página 73, 74

"planta tipo." sergison bates, cadix, 2015. disponível em: <https://sergisonbates.com/en/projects/harbour-building-antwerp>.
página 74

bollaert, stijn de. "sergison bates cadix." 2021
página 74

"planta tipo." bovenbouw, cadix, 2015. disponível em: <https://bovenbouw.be/projects/apartment-building-in-the-docklands-antwerp/>
página 75

"colagem interior." bovenbouw, cadix, 2015.
página 75

schneidertütscher. "beck, zurich," 2024-. disponível em: <https://schneidertuertscher.xyz/>
página 76

lutjens padmanabhan. "waldmeisterweg, zurich," 2013-18. disponível em: <https://www.luetjens-padmanabhan.ch/en/projects/waldmeisterweg>.
página 76

scheidegger-keller. "wechselwiesenstrass, zurich," 2022-. disponível em: <https://www.scheideggerkeller.ch/>.
página 76

em2n. "new housing on briesestraße, berlim," 2015-2020. disponível em: <https://www.em2n.ch/en/work/new-housing-on-briesestrasse.html?img=1>.
página 77

emi. "rotbuchstrasse, zurich," 2021-25. disponível em: <https://www.emi-architekten.ch/en/projects/rotbuchstrasse/>.
página 77

sergison bates. "seebach suburban housing, zurich," 2015-2019. disponível em: <https://sergisonbates.com/en/projects/suburban-housing-seebach>.
página 77

plan común. "petit plot, paris," 2019-. disponível em: <https://www.plancomun.com/new-page-58>.
página 78

brandlhuber + muck petzet. "längsbau h1, zurich." disponível em: <https://afasiaarchzine.com/2021/01/brandlhuber-muck-petzet-4/>.
página 78

esch sintzel. "conversion of a wine storage into housing, basel," 2018-23. disponível em: <https://www.eschsintzel.ch/en/selection/projects/lysuechel-sued/?cat=built>.
página 78

zimmermann sutter. "wohnsiedlung frohalp, zurich," 2019-24. disponível em: <https://zsa.ch/projects/frohalp>.
página 78

trampolim. propostas em que o autor participou, sete concursos, 2023-2024
página 79

